

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA

MARIA MIRIELE RODRIGUES AIRES

AO SOM DAS MACUMBAS: Um estudo da Umbanda em Parnaíba - PI (2007-2015)

**PARNAÍBA – PI
2016**

MARIA MIRIELE RODRIGUES AIRES

AO SOM DAS MACUMBAS: Um estudo da Umbanda em Parnaíba-PI (2007-2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Estadual do Piauí como pré-requisito para
a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História
Orientadora: Profa. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho

PARNAÍBA – PI
2016

A298s

Aires, Maria Miriele Rodrigues.

Ao Som das Macumbas: Um estudo da Umbanda em Parnaíba-PI (2007 – 2015) / Maria Miriele Rodrigues Aires - Parnaíba: UESPI, 2015.

69 f.

Orientador: Prof. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2015.

1. Umbanda 2. Parnaíba 3. Visibilidade I. Tourinho, Mary Angélica Costa II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 133.47

MARIA MIRIELE RODRIGUES AIRES

AO SOM DAS MACUMBAS: Um estudo da Umbanda em Parnaíba-PI (2007-2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.
Orientadora: Profa. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho (UESPI-orientadora)

Prof. Ms. João Carlos de Freitas Borges

Prof. Ms. Maria Dalva Fontenele Cerqueira

Dedico a minha mãe que também foi pai Cosma Matias Rodrigues. E a minha tia Dete e avó Maria das Neves que ajudaram a desempenhar esse papel junto de minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente (não teria como ser diferente), ao que algumas religiões denominam como Deus, (e outras, o intitulam de maneira diferente). Pois foi a fé que depusitei nele durante toda minha vida que me deu suporte para enfrentar todas as adversidades que tenho encontrado ao longo do caminho e com isso tido forças para seguir em frente.

Agradeço a minha amada mãe Cosma Matias que mesmo não tendo conseguido terminar o ensino fundamental, (devido à falta de oportunidade), desde cedo me disse que a maior herança que poderia me deixar nessa vida seria a educação e para isso teve que fazer grandes sacrifícios, talvez o maior deles foi ter que suportar a dor da saudade que a minha ausência causou. Pois para alcançar tais objetivos tive que sair de casa aos 14 anos, em buscar de melhores condições/oportunidades de ensino.

Agradeço as minhas outras duas mães, minha tia Dete Matias e avó Maria das Neves, sei que sem vocês nada disso seria possível. Muito obrigada por todos esses anos que vocês ajudaram a minha mãe de sangue na tarefa de me educar. Pois apesar do meu pai não ter tido o menor interesse em desempenhar suas funções enquanto tal, agradeço à Deus por me presenteado com três mães maravilhosas. Por isso dedico essa vitória a vocês.

Agradeço a minha prima Nonata e seu cônjuge Chaga por me acolherem em sua casa durante esses quase oito anos que aqui estive em Parnaíba-PI, para que dessa forma eu pudesse seguir estudando. Aos seus filhos Renan e Gabriele muito obrigada por terem se transformado nos irmãos que eu não tive. E assim, se transformando numa segunda família para mim.

Agradeço as minhas amigas de ensino médio que acabei levando para a vida Camila e Raynara que sempre me deram força e torceram para que eu conseguisse realizar todos os meus sonhos. Conhecer vocês foi um presente que o Colégio Apoio me proporcionou.

Agradeço a todos os meus professores que contribuíram para a minha formação desde do pré-escolar até o ensino médio em especial ao meu professor de História Jorge Luiz que foi a minha grande inspiração, inclusive ele talvez tenha sido um dos grandes responsáveis do meu ingresso no curso de História, tendo em vista que eu tinha escolhido fazer vestibular para Direito e ele me aconselhou a mudar para o curso aludido acima, pois segundo ele tinha mais haver com meu perfil. Por isso serei eternamente grata por ter me auxiliado a tomar a decisão certa.

Agradeço aos meus mestres que contribuíram com a minha formação na academia, em especial aos professores Roberto Kennedy e Edson Barboza, o primeiro me inspira com a capacidade de fazer os outros sonharem com um mundo melhor e o segundo é exemplo de caráter e humildade...Vocês fazem parte das minhas melhores lembranças dos tempos de universidade e sempre lembrarei de ambos com muito carinho.

Agradeço a UESPI pela acolhida, que acabou se transformando numa casa para mim. Fui demasiadamente feliz nesse lugar, tenho boas histórias para contar, mas nem tudo foi tão bem sempre, vivi momentos agrídoces, conheci pessoas extremamente “mediócras”, mas tentei sempre extrair o melhor até nas situações adversas.

Mas agradeço a UESPI principalmente pelos encontros que tive no transcorrer dessa jornada

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Imagem	1	Do alto a cidade de Parnaíba.....	p.38
Imagem	2	Procissão em homenagem à São Francisco de Assis.....	p.39
Imagem	3	Missa em homenagem à padroeira de Parnaíba.....	p. 40
Imagem	4	Dança umbandista na praça da graça.....	p.55
Imagem	5	Festa em comemoração ao dia nacional da Umbanda.....	p.57

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CDHJ (Coordenadoria Estadual de Direitos Humanos e Juventude)

FGV (Fundação Getúlio Vargas)

FEUBRA (Federação Umbandista do Brasil)

FEUEP (Federação Espirita de Umbanda do Estado do Piauí)

FEUBRA (Federação Umbandista do Brasil)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros)

RENAFRO (Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde)

SASC (Secretária da Assistência Social e Cidadania)

UME (União Municipal Espirita)

SUMARIO

1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA RELIGIÃO BRASILEIRA.....	16
1.1 Uma síntese histórica dos povos africanos e sua religiosidade.....	16
2.1 A representatividade da Umbanda na sociedade brasileira	21
2. UM BREVE HISTORICO DA UMBANDA NO PIAUÍ.....	29
2.1 Recenseamentos: A visibilidade da Umbanda do Piauí.....	32
2.1 Aspectos religiosos de Parnaíba PI.....	36
3. NA BANDEIRA DE OXALÁ: NOTAS SOBRE A UMBANDA EM PARNAÍBA.....	43
3.1 A Umbanda em Parnaíba: entre vivências e narrativas.....	45
3.2 Entre o visível e o subalterno: campo o afro religioso em Parnaíba PI..	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERENCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a visibilidade da Umbanda enquanto religião, na cidade de Parnaíba entre os anos de 2007 à 2015. O recorte temporal tem como marco inicial o ano de 2007 em virtude da aprovação da lei 11.635/07 que estabelece o dia 21 de janeiro como dia nacional de combate a intolerância religiosa.

Apesar das lutas pelo reconhecimento e respeito das religiões de matriz africana serem muito anterior a essa data, podemos perceber que a partir do ano aludido, houve maior intensificação na aprovação de dispositivos legais com o intuito de garantir esses propósitos, causando a partir de então certo impacto a nível local, para que no transcorrer do ano de 2015 as festas umbandistas passassem a ser praticadas em espaços antes comum a outras manifestações religiosas.

A cidade foi escolhida em consequência de ser a segunda maior cidade do estado mais católico do País, de acordo com dados do censo de 2010, realizado pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística)¹ assim como, pelo fato das pesquisas a respeito dessa temática serem ainda incipientes na realidade social em estudo.

Podendo ser destacadas três, que são elas: Umbanda: culto, possessão e práticas espirituais solidárias do lar de jurema em Parnaíba-PI (curso de História-UESPI), de Silvia Maria de Carvalho Cardoso; Festejando o orixá das folhas, Ossaim: a influência da religiosidade afro brasileira Na comunidade São Benedito Vazantinha – Parnaíba PI (curso de História-UESPI), de Francisca das Chagas Cardoso Silva e por fim, Relações étnicas raciais e a educação no terreiro de umbanda (curso de Pedagogia-UFPI), de Caio Janser Silva de Sousa, ambos dos anos de 2011 e 2015 respectivamente, sendo, portanto necessário evidenciar mais esse campo de estudo na cidade.

Tem-se como objetivos específicos compreender de que modo foi sendo construída historicamente, uma visão negativa a respeito dessa matriz religiosa. Buscando se perceber os contornos do preconceito e discriminação enfrentados pelos adeptos da umbanda na cidade. Além de evidenciar algumas diferenças na forma como se dá a pratica o culto umbandista em Parnaíba em detrimento a outros lugares. Em vista disso, procurou se conhecer por meio das falas dos colaboradores, suas experiências enquanto filhos de santo, além de uma análise sobre o momento atual que vive a Umbanda em Parnaíba.

¹ Fonte: <http://www.pedefigueira.com.br/brasil,6338,ibge-piaui-e-o-estado-com-o-maior-percentual-de-catolicos-do-brasil>, acesso em 15 de agosto de 2016

É importante ressaltar como já dito, existem poucos estudos e uma escassez enorme de fontes que versam sobre esse tema. Esse quadro não se restringe somente à Parnaíba, é uma situação vivenciada a nível estadual, tendo em vista a grande dificuldade para encontrar trabalhos que fizessem menção a religiosidade de matriz africana no Piauí, o que tornou mais difícil o andamento desta pesquisa.

Muito embora, os grandes desafios encontrados no decorrer desse processo tenham sido em decorrência da localização dos terreiros de umbanda (de Parnaíba), por estarem situados em locais distantes, o que dificulta o acesso. Para, além disso, outro ponto que merece destaque está relacionado ao fato de muitos praticantes da religião, não possuírem interesse em se expor tornando-se colaboradores desse estudo, o que a priori foi o maior problema enfrentado.

No que tange a metodologia, utilizamos a da História Oral. Foram realizadas cinco entrevistas, duas delas com as mães de santo Mãe Geralda e Mãe Maria, e outras duas, com os Pais Santo, Caio Janser e José de Ribamar de Ogum, das casas de culto: Tenda Espirita São João Batista, Tenda Espirita São Cosme e Damião, Tenda Espirita Imaculada Conceição, respectivamente, assim como a entrevista com uma filha de santo de um terreiro teresinense, Isadora Felizardo da Tenda Espirita Santa Barbara. Entretanto, vale ressaltar que não foi permitido que usasse o nome completo de alguns desses colaboradores, portanto serão identificados apenas com seu primeiro nome.

Nessa perspectiva Alessandro Portelli² elucida que as fontes orais seriam dadas através da oralidade pelos participantes ou protagonistas de eventos dos quais a pesquisa versa, cabendo ao historiador registra-los. Dessa forma haveria uma distinção entre fonte oral que seriam narrativas históricas individuais não formalizadas e tradição oral, que está relacionada à maneiras verbais que são formalizadas e compartilhadas. Essas fontes orais são criadas pelo historiador, que tem papel decisivo nesse processo de construção.

Portanto, esta é uma fonte relacional, em que a comunicação ocorre sob a forma de troca de olhares de perguntas e respostas, não necessariamente em uma única direção. A ordem do dia do historiador se confunde com a ordem do dia dos narradores: o que o outro quer dizer pode não coincidir com totalmente com o que as pessoas entrevistadas querem dizer. O resultado é que a agenda de pesquisa pode ser radicalmente transformada por essa reunião³

² PORTELLI, Alessandro. Un lavoro di relazione: osservazioni sulla storia orale. Ricerche storiche salesiane, 36, XIX (gennaio-giugno 200), pp. 125-34.

³ Idem

Ou seja, muitas vezes o pesquisador vai a campo com problemáticas ou hipóteses nas quais busca por respostas, no entanto, o que acaba encontrando junto dos seus colaboradores⁴ são demandas parcialmente ou totalmente diferentes das quais se pensava, e isso vai acabar alterando o direcionamento da pesquisa ou até mesmo à levando para outros caminhos, antes inimaginável.

Para além das entrevistas, nos utilizamos também de uma matéria do Jornal O DIA da década de 1970. Além do trabalho com imagens, de suma importância para entender um pouco do momento que essa vertente religiosa vive na cidade. Foram utilizadas quatro imagens, sendo duas de festejos católicos da cidade (São Francisco de Assis e Nossa Senhora da Graça) e as duas restantes de festas umbandistas realizadas nas praças mais importantes de Parnaíba (Praça da Graça e Praça Mandu Ladino).

No que diz respeito ao campo historiográfico essa pesquisa se localiza na História do Tempo Presente campo de estudos esse, considerado problemático e com debates acalorados à cerca de sua eficiência, por parte de pesquisadores que questionam a sua validade. Pois a partir do momento que a História se firmou enquanto disciplina, com uma metodologia própria de estudos de textos e documentos, implicou-se na convicção de que quanto mais longe o pesquisador estivesse de seu objeto de estudo, mas discernimento poderia tê-lo sobre o mesmo, e conseqüentemente dessa forma alcançaria a objetividade.

Tendo em vista que o pesquisador estaria sendo, neutro e imparcial, posturas essas adquiridas somente através desse distanciamento, por isso os períodos mais estudados eram justamente aqueles que tinham um maior recuo de tempo em relação ao presente. Com a publicação da revista dos *Annales*⁵ na década de 1920, ocorreu uma significativa transformação no fazer historiográfico.

Todavia, a história do tempo presente permaneceu sob a ótica da desconfiança e nenhuma grande mudança foi operada. Posto que, essa abordagem historiográfica era colocada como empecilho, pelo temor que virasse pura e somente um relato jornalístico, além de que para alguns historiadores seria comprometida a objetividade da pesquisa pela proximidade temporal.

⁴ De acordo com João Carlos Sebe e o Fabíola Holanda o termo colaborador se refere a aqueles indivíduos que narram e articulam sua subjetividade e o resultado disso é relevante aos exames decorrentes do texto estabelecido em análise.

⁵ Convencionou-se chamar de Escola dos Annales os textos e a influência do grupo de historiadores que trabalhavam em torno da revista dos Annales fundada na França em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, entre suas contribuições para a historiografia é a expansão de temas, abordagens e fontes para além dos estritos limites do positivismo.

Foi ocorrer de fato uma transformação nessas concepções acerca da história do tempo recente, a partir do final do século XX.

Entretanto, a partir da década de 1980, registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se à história o estudo do contemporâneo.⁶

Nesse sentido, o intuito de se estudar fatos que ainda estão se desenrolando torna-se importante ferramenta de reflexão. “Trata-se, portanto, de aventurar-se no tempo recente a fim de contribuir para o esclarecimento, a inteligibilidade e o discernimento do mundo acelerado”⁷. Que por sua vez, não significaria afastar-se do rigor da pesquisa, tendo em vista que o fato do objeto de estudo está localizado em temporalidades distantes não pressupõe que a crítica sobre o mesmo não seja feita de acordo com os interesses dos sujeitos que as produziram, pois independente do recuo de tempo que o objeto está inserido o que define a crítica sobre ele é a subjetividade do pesquisador.

Para o suporte teórico foram utilizados autores que trabalham com a temática como Maria Helena Vilas Boas Concone, *Umbanda uma religião brasileira* (1987), Renato Ortiz, *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira* (1999), Vagner Gonçalves da Silva *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira* (1994), Patricia Birman *O que é umbanda* (1985), dentre outros. Para fazer essa discussão a nível de Piauí estão sendo utilizadas uma tese de mestrado da Haldaci Regina da Silva *Sabores da Casa, Sabedorias de Terreiros: práticas educativas e construção de saberes em um Terreiro de Umbanda de Teresina* (2013) e uma monografia de Sabrina Verônica Gonçalves Lima *Ao som do tambor: o processo de institucionalização da Umbanda nas décadas de 1960/70 em Teresina* (2013)

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro intitulado *O processo de formação de uma “religião brasileira”* versa sobre o universo religioso do negro trazido para o Brasil na condição de escravizado e a repressão a esses elementos, imposta pela Igreja Católica Apostólica Romana, no qual, houve um processo de sincretismo com outros elementos religiosos como Catolicismo e os rituais indígenas. Deste modo na primeira metade

⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Rio de Janeiro: Topoi, 2002. pp. 314-332

⁷ FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da História do tempo presente. Revista Espaço Acadêmico n°125, 2011. p.117

do século XX outra vertente religiosa intitulada Umbanda recebendo influência de tais elementos, além do Kardecismo é organizada enquanto culto havendo um processo de difusão pelo país.

No segundo capítulo *Um breve histórico da Umbanda no Piauí* discorre a respeito dos caminhos percorridos pela Umbanda no estado desde década de 1930 quando de acordo com Lima (2013), se tem notícia do primeiro terreiro de Teresina, passando pela criação da primeira Federação na década de 1960 aos dias atuais. Além de apresentar Parnaíba, evidenciando o Catolicismo e as outras religiões existentes na cidade.

O terceiro capítulo *Notas sobre Umbanda em Parnaíba* trata do modo como as práticas umbandistas são vistas em Parnaíba atualmente. Se existe alguma publicidade para essa vertente religiosa, para além das suas casas de cultos, tendo em vista, como chama atenção Moreira e Perinotto (2012) para o caráter profundamente católico/cristão que é marca do processo histórico da cidade de Parnaíba.

CAPITULO I. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA RELIGIÃO BRASILEIRA

*Negro entoou um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares onde se refugiou.
(O canto das três raças – Clara Nunes)*

1.1 Uma síntese histórica dos povos africanos e sua religiosidade

Portugal ao dar início ao processo de colonização nas terras que posteriormente seriam denominadas de Brasil trouxe, entre outras coisas, a sua religião oficial. O catolicismo, que foi imposto como doutrina e a única que poderia realizar seus cultos em âmbito público ou privado⁸. Dessa forma os padres jesuítas foram os responsáveis pela tarefa de cristianizar os índios brasileiros, formando as missões jesuítas e disseminando-se por boa parte do território.

Com isso, logo após, o implemento do tráfico negreiro, o contingente de pessoas para a conversão ao catolicismo aumentou significativamente. “A importação começou desde o estabelecimento das capitanias aumentando nos séculos seguintes, primeiro, por causa da cultura da cana, mais tarde por causa do fumo das minas, do algodão e café.”⁹. Seguindo esta lógica o negro trazido para o território brasileiro na condição de escravizado, em meados do século XVI, foi incorporado imediatamente ao sistema cultural da Colônia. Assim como afirma o antropólogo Darcy Ribeiro:

Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mais diferentes na língua, na identificação tribal e frequentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade¹⁰

Esses “conflitos de origem” que o autor chama atenção, se deram, pelo fato, dessas populações de escravizados que aqui chegaram, serem provenientes de vários grupos ou clãs da civilização africana, cada qual, com códigos, línguas e tradições próprias. Dentre esses grupos, segundo Ribeiro (1995) três se destacaram, durante o tráfico negreiro: os Sudaneses que estava representados pelos Iorubá (nagô), Daomeanos (gegê) e Fanti-Axanti (mina). O

⁸ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. Brasília, 2008. V. 23, n. 2, p. 261-279

⁹ ABREU, J. Capistrano. Capítulos de história colonial. Brasília: Conselho Editorial, 2013 p.29

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p. 115

segundo grupo em menor número, provinham de culturas islamizadas, onde se destacam os Mandingas e o último conhecido como Bantos, desse grupo veio o maior número de escravos para o Brasil, e são oriundos da região que hoje corresponde a Moçambique.

No entanto, apesar da heterogeneidade das populações do continente africano, onde cada qual possuía culturas distintas, a religião exercia um papel fundante na vida de todos os indivíduos. Sendo o seu sistema religioso um dos mais complexos e dinâmicos existentes, de acordo com Maria Helena Vilas Boas Concone:

O universo africano se apresenta como uma ordenação de forças, existe uma força cósmica universal, única que se formula em categorias concebidas hierarquicamente. As religiões africanas se apresentam nesse quadro como uma ordenação de forças. No topo dessa hierarquia está a figura do criador o Ser supremo (não sendo prestada nenhuma forma de culto); abaixo dele nesta hierarquia um série de forças que servem de elo de ligação entre os homens e está divindade suprema.¹¹

Deste modo, alguns povos africanos percebem o universo como um jogo de forças e energias equilibradas, onde o culto ao ancestral do clã é muito forte, assim como a relação com a natureza. As coisas tem um caráter mágico, a noção de força vital é a que ordena essas sociedades, além do contato com o mundo invisível através de espíritos. Foi com essa mentalidade que essas pessoas foram tiradas do seu local de origem para serem escravizados nas terras do Continente Americano.

Primordialmente, após a chegada do negro em terras brasileiras as medidas que eram tomadas, pela Igreja Católica Apostólica Romana de acordo com Silva (1994) era o batismo, e a adoção de um nome de inspiração bíblica. Com isso, a escravidão impôs rupturas no sistema religioso assimilando-os em uma nova forma de culto, isso porque no universo religioso dos africanos a tribo, o clã era essencial para se manter as tradições religiosas, e após a instalação do regime escravista para além do continente, houve uma separação das pessoas de suas comunidades, ficando eventualmente mais difícil de dar continuidade a seus ritos de origem:

Nesta ruptura violenta e forçada, entretanto, se no mais das vezes a infraestrutura social não tinha possibilidade de sobreviver, o único que pode escapar ao naufrágio geral, será aquilo que fazia parte da superestrutura cultural do grupo: as maneiras de sentir as formas originais de pensamento, o mundo das crenças e valores.¹²

¹¹ CONCONE. Maria Helena Vilas Boas. Umbanda uma religião brasileira. São Paulo: USP, 1987

¹² Op. Cit, 1987

Diante de tais condições, uma das formas encontrada para manter vivo seus ritos foi mantendo paralelismos com elementos da nova realidade no qual estavam inseridos. Essa fusão aconteceu por meio do contato com crenças de indígenas brasileiros e do cristianismo. “Os cultos africanos tomaram na América uma feição de acordo com a composição étnica das populações negras e com o valor cultural dos escravos reunidos em cada região”¹³. Esse sincretismo se fazia presente, quando da adoração dos santos católicos, onde costumeiramente eram feitas associações com seus deuses cultuados nas religiões de matriz africana.

No entanto, Silva (1994) aponta que no período Colonial a Igreja preferia acreditar na justificativa que era dada pelos negros que as danças e batuques era uma forma de homenagear os santos católicos, e apesar de não acreditar a instituição católica preferia fazer “vista grossa” para a situação, pois se fossem punir os escravos iria prejudica-los para o desenvolvimento de suas atividades nas fazendas, pois para além disso havia uma motivação política:

A aristocracia e o governo, quando admitiam os batuques, era porque, além de considera-los como folclore, havia uma motivação política por trás da tolerância. Julgavam que sua prática fosse uma forma de os negros manterem vivas suas tradições africanas e as rivalidades entre os grupos de escravos provenientes de nações inimigas da África. Assim, a organização de rebeliões ficaria mais difícil se não se criassem entre as etnias africanas laços de solidariedade que as aproximassem do inimigo comum, os escravizados¹⁴.

Apesar de “permitir” a continuidade dessas danças e batuques a Igreja perseguia fortemente os ritos que eram associados à magia, como os transe por exemplo, “que era a crença em espíritos, no qual incorporavam em pessoas, estabelecendo contato com a alma do morto”¹⁵. Estes passaram a ser vistos como possessão demoníaca. Da mesma forma muitas das crenças que fazia parte do baluarte cultural dos africanos, como adivinhações e sacrifícios de animais para seus rituais mágicos, passaram a ser denominados como bruxaria. Por isso foram fortemente combatidos, tendo os negros sofrido muitas condenações durante as visitas do Tribunal do Santo Ofício no Brasil.

Sobre isso Alfredo Bosi destaca:

¹³RODRIGUES, Raimundo Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca virtual de Ciências Humanas, 2010. p. 257

¹⁴ SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994

¹⁵ Idem, 1987.

A doutrina católica oficial, nesse limiar da modernidade leiga ou heterodoxa, que é o século da Renascença e da Reforma, procurava apagar os vestígios animistas ou mediúnicos do comportamento religioso. É o tempo da perseguição implacável à magia, tempo de caças às bruxas e aos feiticeiros¹⁶

Em virtude disso, as imagens que foram sendo construídas, desde chegada dos negros em solo brasileiro a respeito de sua cultura e mais especificamente sua religião, foi a de “primitivismo” e “inferioridade”. Fator notável também era a forma como esses sujeitos foram proibidos de frequentar igrejas de brancos, sendo necessário construir suas próprias. Uma dessas, no qual mais ganhou notoriedade foi a de Nossa Senhora do Rosário, que ficou conhecida na época como Igreja dos negros.

Esse quadro de estigmatização e perseguições não vai sofrer muita variação, mesmo após a Abolição da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889), pondo fim ao sistema de padroado, havendo a laicização do Estado brasileiro. Assim como aponta Maria Isaura Pereira de Queiroz:

[...] as preocupações dos brancos aumentavam: agora que os negros se consideram iguais aos brancos, estes negros detentores de uma cultura barbara representada pelos candomblés, a própria cultura ocidental parecia muito mais seriamente ameaçada. As perseguições contra os costumes africanos e os candomblés aumentaram¹⁷.

Partindo desse pressuposto, com o advento da República ocorrida em 1889, começou todo um projeto de modernização para o país. Para isso, as elites brasileiras quiseram importar da Europa o mesmo modelo de sociedade como forma de “civilizar” o Brasil. Todavia, Silva (1994) elucida que era necessário eliminar as influências da cultura negra considerada “bárbara” e “primitiva” no contexto das relações socioculturais da época.

Isso ocorreu por meio de um processo de branqueamento da sociedade, havendo a substituição da mão-de-obra negra (o ex-escravo), pelo a do imigrante branco e europeu. Assim como os projetos arquitetônicos e sanitaristas, com proposito de expulsar os negros dos espaços centrais da cidade, que foram modernizados, na cidade do Rio de Janeiro.

O médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862- 1906), também foi bastante influenciado pelas teorias científicas do século XIX, sendo o pioneiro nos estudos das religiões afro-brasileiras. Nesse sentido, para o desenvolvimento de suas pesquisas visitou vários terreiros de candomblés da Bahia, presenciando muitos rituais religiosos neste

¹⁶ BOSI, Alfredo. A dialética da colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p.64

¹⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional do Brasil. São Paulo: Tempo social- Rev de Sociologia da USP, 1989.p. 21

contexto, tendo relatado essas experiências em sua obra: *O animismo feitichista dos negros baianos (1896/1900)*, onde demonstra o “aspecto doentio” da cultura negra, pois para ele só o fato de acreditarem em vários deuses, já equivalia a uma forma de inferioridade dessa ‘raça’, já que para se crer na religião monoteísta, era preciso abstrações mais profundas de pensamento.

A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelam os generosos exageros dos seus turiferários, há de se constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo.¹⁸

Ainda para este pensador o Brasil jamais chegaria a ser uma nação como as da Europa, pois lá não havia tido a influência da “raça” negra. Em seus estudos ele procurou alertar para a continuidade dos costumes considerados “bárbaros” em nossa sociedade. Havia uma máscara de adesão superficial ao catolicismo, considerado por ele, de “verniz católico”.

Para Rodrigues (2010) “De todas as instituições, entretidas na América pelos colonos ou transmitidas aos seus descendentes puros ou mestiços, foram as práticas religiosas do seu fetichismo as que melhor se conservaram no Brasil”¹⁹. Segundo o médico todos os problemas do país, foram justificados por essa mistura de “raças”, sendo os negros fator degradante do meio.

Nessa perspectiva Queiroz (1989) destaca que o racismo e a desconfiança quanto a futuro do país estavam presentes em todos os trabalhos da primeira geração de intelectuais do país no século XIX, onde é possível destacar os trabalhos para além de Nina Rodrigues outros dois importantes interpretes brasileiros, Sylvio Romero (1851-1914) em *História da Literatura brasileira* (1888), sua obra de maior expressão e Euclides da Cunha (1866-1909), em *Os Sertões* (1902). Esses autores tentaram explicar o atraso do Brasil frente as outras nações, pelas mesmas questões que foram abordadas pelo maranhense.

Dessa forma, esses discursos legitimaram cientificamente o caráter “inferior” das religiões de matriz africana. Tais representações negativas da cultura negra tem sua gênese no período colonial, através, principalmente dos discursos da Igreja Católica, nos quais associava esses cultos religiosos à rituais demoníacos. Mais tarde esses intelectuais reafirmaram esses discursos, embasados nas teorias evolucionistas da época, sustentadas na ideia da

¹⁸ RODRIGUES, Raimundo Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca virtual de Ciências Humanas, 2010 p.15

¹⁹Op. Cit, 2010.

superioridade de uma raça sobre outra, e colocaram o negro e a sua cultura à margem da sociedade.

1.2 O processo de crescimento da Umbanda e sua representatividade na sociedade brasileira.

No decorrer da primeira metade do século XX o Brasil passou por uma série de transformações nos âmbitos econômico, social e cultural. A urbanização e a industrialização provocaram o crescimento acelerado das grandes cidades, e com o aumento substancial de imigrantes europeus, houve a necessidade de definir nossa identidade como nação.

Nesse contexto um grupo de intelectuais de classe média começou um movimento de valorização dos elementos formadores da nação (aborígenes, negros, europeus) que culminou com a Semana de Arte Moderna (1922), onde a heterogeneidade cultural passou a ser tratada como fator de originalidade no nosso processo de formação. Nessa direção, como aponta Silva (1994), Arthur Ramos em sua obra *O negro brasileiro* (1934), substituiu o conceito de raça pelo de cultura. Na música Dorival Caymi e Carmem Miranda vão cantar os candomblés baianos. Posteriormente Gilberto Freyre lançou *Casa Grande & Senzala* (1936), colocando a miscigenação como fator positivo, constituindo, assim, o mito da democracia racial.

Nesse cenário, onde elementos da cultura negra principalmente sua religiosidade, passaram a ficar em evidência, um “novo” culto intitulado Umbanda fez “surge” no cenário das religiões brasileiras. A “origem” nos moldes como se conhece atualmente, segundo Janaína Azevedo Corral (2010) está associada a figura de Zélio de Moraes, que ao apresentar alguns distúrbios psicológicos foi levado a uma Tenda Espirita em Niterói, onde baixou o espírito do caboclo Sete Encruzilhadas, sendo duramente reprimido pelos médiuns que participavam daquela sessão, já que para os kardecistas os espíritos de pretos velhos e caboclos eram considerados atrasados e assim proibidos que baixassem em suas sessões.

Zélio de Moraes, que no relato de sua doença, da posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero um mito de origem. Não posso estar totalmente certa que Zélio foi o fundador, muito embora o centro de que Zélio e aqueles fundado por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticante de Umbanda (...). Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a

diversos centros de “macumba” localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e Niterói.²⁰

Após esse episódio Zélio de Moraes, junto ao seu guia o caboclo das Setes Encruzilhadas, fundou a Tenda Espirita Nossa Senhora da Piedade, tendo como marco cronológico o ano de 1908, especificamente no dia 15 de Novembro, (considerado dia Nacional da Umbanda) quando um grupo de kardecistas passou a mesclar com suas práticas elementos das tradições indígenas, católicas e afro brasileiras. A mistura desses elementos foi defendida publicamente com status de única religião brasileira, que representava a miscigenação dos povos que fizeram parte da formação social e cultural do país.

No entanto, Negrão (1993) aponta, que a disseminação das casas de culto dessa religião só vai haver a partir da década de 1920 que é considerada como prenúncio de institucionalização da Umbanda em um movimento, como já dito, liderado por Zélio de Moraes e um grupo de intelectuais de classe média no eixo Rio-São Paulo-Rio Grande do Sul, que tomaram a frente dos terreiros, conhecidos como macumbas cariocas.

Essas macumbas que se formaram ao redor da cidade do Rio de Janeiro eram organizadas por grupos influenciados, principalmente pela cultura banto um das matrizes étnicas vindas da África tendo grande contribuição para o processo de formação cultural do Brasil²¹, os elementos religiosos do candomblé, e do catolicismo já se faziam presente nesses espaços, nesse sentido o espiritismo teve como uma das maiores contribuições, a moralização das crenças e racionalizando das suas práticas, além de configurar a função do médium de intermediador no contato com o mundo espiritual²².

Entretanto, para esse momento (década de 1920), foi de suma importância que houvesse uma “limpeza” em elementos considerados nocivos das religiões de matriz africana, sobre isso Renato Ortiz aponta:

Para nós a umbanda é uma síntese do pensamento religioso brasileiro no qual os elementos negros, brancos e índios (visto através da ideologia branca de classes), integram o universo da religião. Ela é o resultado da fusão de dois movimentos: o embranquecimento da cultura negra, e o empretecimento da ideologia kardecista.²³

²⁰ BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio: Umbanda e política. Rio de Janeiro: Marco zero, 1985. p. 10-11

²¹ CASTRO, Yeda Pessoa. Falares africanos na Bahia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

²² Ver: BERKENBROCK, Volney. A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. Petrópolis: Vozes, 1985. p.150

²³ Ver: ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 119

Ou seja, apesar de ter havido uma relativa valorização de aspectos da cultura negra nesse contexto, ainda existia algumas práticas religiosas que eram carregadas de estigmas e vistas como inaceitável, como, o sacrifício de animais, as danças frenéticas, e a utilização de bebidas alcoólicas em rituais, por isso houve um processo de “purificação” desses elementos com a tentativa de tornar a umbanda única, e distante dos espaços de culto mais africanizados²⁴ para que só assim ela adquirisse legitimidade e respeito diante de uma sociedade branca e cristã.

Em virtude disso, caracteriza-la é uma tarefa complicada, tendo em vista que seu principal aspecto é o sincretismo religioso. Desta feita mãe Geralda²⁵ afirma que a umbanda é a junção de três coisas: Filosofia, Ciência e Religião. É filosofia porque ensinaria a separar o lado certo do ruim, assim como a obediência e a honrar pai e mãe, e ao próximo como a si mesmo. É ciência pois os encantados falam com uma riqueza de detalhes de coisas que ninguém conhece, e cita o exemplo de uma jovem de Parnaíba, que se chamava Alice Correia e seria parente do fundador da cidade de Luís Correia, essa mulher teria se encantado no mar em uma cobra. E por fim é religião pelo fato de que quando se entra na Umbanda há toda uma mudança espiritual.

Já no que é referente ao plano organizacional da religião Patrícia Birman (1985) destaca:

A religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não há como na igreja católica um centro bem estabelecido que hierarquiza e vincula todos os agentes religiosos. Aqui, ao contrário o que predomina é a dispersão. Cada pai de santo é senhor no seu terreiro não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. (...) havendo um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização.²⁶

Devido a essa dispersão apontada pela a autora como traço predominante, em 1937 houve a primeira tentativa de federalização da religião com o surgimento da União Espirita de Umbanda do Brasil, fundada por Zélio de Moraes. Esse movimento de institucionalização que aconteceu em meados da década de 1940, com a tentativa de organizar os terreiros se deu também devido a necessidade de representação e proteção do segmento umbandista que sofria

²⁴ BIRMAN, Patrícia. O que é umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 93

²⁵ Entrevista concedida no dia 14 de Abril de 2016 para Maria Miriele Rodrigues Aires

²⁶ Op. Cit, 1985.

com perseguições judiciais, empreendidas pelo Estado Novo (1937-1945), que era contra a proliferação dos cultos afro em território brasileiro²⁷

Renato Ortiz (1991) nomeia esse movimento como processo legitimador do culto, que posteriormente, organizou o seu primeiro congresso. No intitulado Primeiro Congresso Nacional de Umbanda realizado em 1941, foram traçadas as diretrizes da “nova” religião. Mas acima de tudo, o intuito desse evento, era de demonstrar a imagem de uma religião distante dos elementos, que eram considerados pela sociedade como sendo, ranços de primitivismo e inferioridade, a imagem que se convencionou passar foi de uma umbanda “pura”.

A partir da década de 1950, muitas outras federações foram estabelecidas, mas nenhuma delas tinha objetivos tão claros como a de 1937. Ainda que tivesse havido a tentativa de criar uma confederação advinda da fusão dessas federações essa unificação fracassou, devido ao dualismo de interesses que se tinha no interior desses órgãos entre a homogeneidade e a separação do movimento umbandista²⁸. Apesar dessa dispersão organizacional, o Colegiado Espirita do Cruzeiro do Sul²⁹, na década de 1960 promoveu o II Congresso de Umbanda, novamente na cidade do Rio de Janeiro, onde ainda se buscavam por legitimação no meio social.

De acordo com Negrão (1993), algumas resoluções foram tomadas nesse evento em busca desse objetivo. Uma delas foi considerar a Umbanda obra de educação e moralização, deixando dessa forma de representar perigos, com o intuito de serem removidas as restrições de sua prática. Nesse período o país, passava por grandes transformações no campo político, enfrentando uma Ditadura civil-militar (1964-1985), cuja maioria das liberdades civis cerceadas pelo Estado de face autoritária.

Todavia esse momento, apesar de conturbado da História do Brasil se refletiu de maneira positiva no quis diz respeito ao campo religioso para os Umbandistas, como afirma a pesquisadora Diana Brown:

A umbanda passou bem nas mãos da ditadura militar instituída em 1964. Diferentemente da ditadura anterior, sob Vargas, este novo governo militar não negou aos umbandistas seus direitos políticos enquanto umbandistas nem a liberdade da prática religiosa. Ao contrário, a ditadura apoiou os ganhos políticos e sociais alcançados nos 15 anos anteriores e auxiliou a sua

²⁷ OLIVEIRA, José Mota de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo. 2007. 164fls. Trabalho de dissertação (Mestrado em História Comparada) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007. p. 122

²⁸ BIRMAN, Patrícia. O que é umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.97

²⁹ O colegiado Espirita do Cruzeiro do Sul era uma organização que abarcava as cinco federações mais atuantes do Rio de Janeiro, e cujo objetivo era trabalhar pela unidade da Umbanda.

institucionalização. Foi a ditadura militar que o registro dos centros de umbanda passou da jurisdição policial para a civil [em cartório], que a umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial³⁰

Segundo afirmativa da autora esse período é benéfico para a religião, tendo alguns umbandistas galgado espaço também na política, tais como o deputado Atila Nunes³¹ e isso possibilitou maior defesa da religião junto aos órgãos judiciais, assim como a popularização na mídia e em outros setores da sociedade da doutrina. Além disso, também houve o seu reconhecimento como religião, passando a ser uma das opções no censo brasileiro do IBGE (década de 1960).

Esse período de maior visibilidade da religião foi na concepção de Reginaldo Prandi (1999) o seu terceiro momento, onde houve um movimento contra o “branqueamento” dos elementos africanos e uma busca pelas “raízes”. Esse movimento recebeu a denominação de “reafricanização”, que ocasionou uma tensão interna entre os que eram adeptos da umbanda “branca” mais influenciada pela teoria kardecista (setores de classe média alta) e aqueles que tinham maiores influências do candomblé.

A umbanda branca de acordo com o pai de santo³² José de Ribamar de Ogum é “a caridade que se faz, é o lado de oxalá, é onde a gente tem os santos que zela pelos santos os orixás³³ os guias, é os que fazem as caridades pra quem precisa dela”³⁴ e nela estaria compreendida sete linhas, que são elas: a de Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Yansã, Iemanjá, e pôr fim a linha das almas. Quanto a essa ideia de caridade ela é influência da doutrina kardecista, que para Azevedo (2008) seria a tônica central, juntamente com o Evangelho de Jesus Cristo do culto umbandista.

Já o “outro lado”, segundo o pai de santo é conhecido como a esquerda, é a linha dos povos de rua dos exus, que seriam os escravos dos orixás, responsável por fazer magia negra, sendo vistos de forma negativa pela sociedade. Essa categoria exu, é associada com a figura dos demônios que são utilizados para fazer o mal. Entretanto, Patrícia Birman (1985) ressalta

³⁰ BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio: Umbanda e política, rio de janeiro: Marco zero, 1985. p. 37

³¹ Nasceu em Niterói (RJ), em 1908, foi radialista, escritor, escreveu nos principais jornais do país. Em 1960 foi eleito deputado pelo estado da Guanabara e reeleito em 1968, durante seus mandatos lutou pela liberdade de culto e respeito a religião.

³² Em conversa informal, pai José de Ribamar de Ogum nos evidencia que a terminologia correta para designar um pai de santo seria zelador do santo, pois essa seria a função de todo pai ou mãe de santo.

³³ Para Patrícia Birman (1985), os orixás são divindades de origem africana que nunca encarnaram, e geralmente estão relacionados a algum domínio da natureza, como terra, água fogo e assim em diante.

³⁴Entrevista concedida no dia 10 de maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

que os exus não eram demônios, mas pessoas marginalizadas na escala social, como negros, malandros, operários, nordestinos, ciganos e assim por diante, gerando dessa forma, muita controvérsia dentro da umbanda.

Apesar dessas tensões no interior da doutrina, na década de 1970 foi realizado o III Congresso, o qual ficou exposto o seu crescimento enquanto religião, assim como a sua difusão pelo interior do Brasil. Com a intensificação de novas Federações, e a criação de mais de dez desses órgãos, logo após esse evento duas federações paulistas surgidas nesse contexto adquiriram muita relevância posteriormente. Houve também um crescimento no que concerne a sua representatividade no campo assistencial, tais como instituições, creches e ambulatórios, que tinham o intuito de promover ajuda a quem precisasse³⁵.

Contudo, o quadro da década de 1980 não foi tão favorável como na anterior. Houve de desaceleração em seu crescimento. O que para Prandi (1999) este, estava associado ao crescimento das chamadas religiões afro brasileiras tradicionais que englobam o Candomblé³⁶, Xangô³⁷, Tambor de Mina³⁸ e Batuque³⁹ em um movimento que se convencionou chamar como já dito, de “reafricanização”. Ou seja, estava havendo reaproximação aos elementos culturais trazidos pelos negros africanos e o distanciamento das influências branca, cristã e ocidental presentes na umbanda.

Muito embora, esse encolhimento da religião não estivesse relacionado unicamente ao movimento de reafricanização. Essa vertente religiosa passou a sofrer muitas perseguições, dessa vez por grupos neopentecostais, que se utilizando de sua forte representatividade em setores da mídia passou a demonizá-la. Sobre isso o Pai de Santo Caio destaca:

Eu sou umbandista, amo a minha religião e não meço minhas palavras, tem uma religião que persegue a gente de uma forma devastadora, a religião protestante os evangélicos eles perseguem a gente de uma forma eles satanizam nossos cultos. Eu acho que todo mundo que se depara com a religião protestante a priori da umbanda eles já ver a gente com maus olhos o preconceito parte muito deles, muito difícil chegar na casa de um católico e o católico falar mal do umbandista as vezes fala mais por medo ou falta de conhecimento, o protestante não, é por convicção eles tem convicção do ódio preconceituoso que eles tem contra as pessoas de terreiro.⁴⁰

³⁵ TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda brasileira: um século de história. São Paulo: Ícone, 2009. p. 237

³⁶ Candomblé é uma das vertentes religiosas de origem africana mais praticada ao redor do mundo.

³⁷ Xangô é uma das denominações das religiões afro-brasileiras encontradas no estado de Pernambuco.

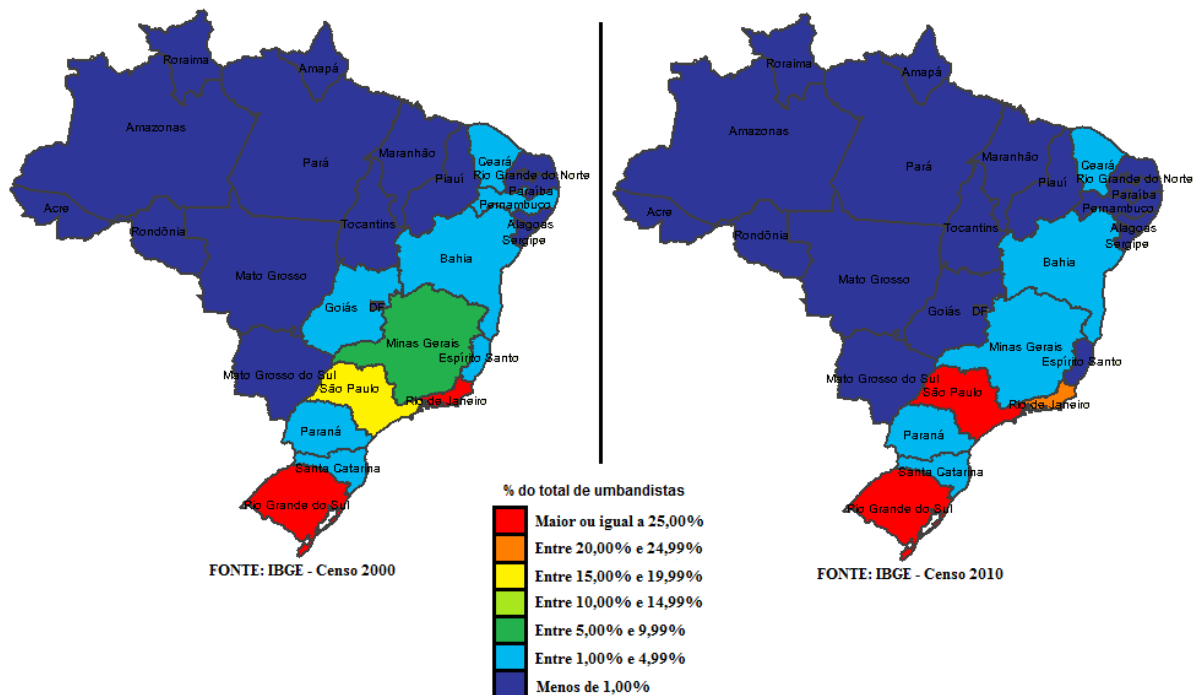
³⁸ Tambor de Mina é uma das denominações das religiões afro-brasileiras encontradas na região nordeste mais especificamente no Estado do Maranhão.

³⁹ Batuque é uma das denominações das religiões afro-brasileiras mais encontrada na região Sul do país.

⁴⁰ Entrevista concedida em 10 de Maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

Essa perseguição que o pai de santo intitula como “devastadora” pode ter causado impacto de forma negativa no crescimento da religião, no entanto o sociólogo Ricardo Mariano (2013)⁴¹, chama atenção para um outro grande problema enfrentado pelos umbandistas que teria contribuído para esse quadro de desaceleração do seu crescimento demonstrado nas pesquisas, que estava relacionado a auto identificação dos seus praticantes enquanto filhos de santo, problema esse advindo do sincretismo religioso existente com o catolicismo.

Em virtude disso, a partir dos anos 2000, segundo o recenseamento “apenas 0,3 da população adulta brasileira declarava-se pertencentes a uma das religiões afro-brasileiras, o que corresponde a pouco mais de 470 mil seguidores”.⁴² Esses números demonstram uma pequena representatividade da religião, o que para Prandi (2004) é reflexo não somente da perseguição de seguidores de outras filiações religiosas, como os pentecostais, mas acima de tudo da superficialidade com que as religiões de matriz africana são retratadas em censos oficiais. É importante salientar também que esses dados não podem ser tratados como retrato fiel de algo, pois possuem certas intenções, assim como determinados limites e silenciamentos.



⁴¹ MARIANO, Ricardo. Declínio católico: destradicionalização e diversificação religiosas. Porto Alegre: Debates do NER, 2013. p. 122

⁴² PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Revista de Estudos Avançados, n. 18 (Vol. 52), 2004. p. 224

Fonte: Blog Registros de Umbanda. Acesso em Abril de 2016, disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/>

O mapa demonstra um pequeno crescimento dos que se auto intitularam adeptos do culto umbandista, que após a perda de mais de 100 mil adeptos, cerca de 26%, voltou a ganhar mais de 9.910 integrantes, em todo o país. Entre os anos de 2000 e 2010, embora seja ainda um número muito inferior do percentual de seguidores que ela tem perdido a partir de meados dos anos 1980, demonstra que começou a dar sinais de recuperação. Já no que tange a outras religiões de matriz africana esses dados demostram que “O Candomblé dilatou o crescimento da década anterior foi de 118.105 para 167.363 adeptos, expansão de 29,4%”⁴³, onde evidenciam que o movimento de “reafricanização” apontado por Prandi (2004) continua forte, no entanto é importante levar em consideração que essas pesquisas não conseguem abarcar a realidade de fato, elas são apenas representações do real.

Mas ainda levando em consideração os números apontados pelo o gráfico, os estados que tiveram aumento das pessoas que se auto identificaram como umbandistas, foram: Rio Grande do Sul (34,45%), São Paulo (25,42%), Rio de Janeiro (22,00%), estados esses que como já dito, começaram o movimento de “branqueamento” da religião. Logo, em seguida aparecem os estados de Minas Gerais com 3,14% e Santa Catarina 2,20%, todos esses pertencentes as regiões Sul e Sudeste do País. Roraima, Amapá e Santa Catarina também aparecem como os estados em que a Umbanda teve um crescimento de mais de 100% se comparado aos números do Censo de 2000⁴⁴.

Dentre os estados Nordestinos os que tiveram esse crescimento de mais de 100% foram: Sergipe (95,29%), Ceará (46,17%), Maranhão (22,80%), e Piauí (15,85%)⁴⁵. Tendo em vista esses dados, o próximo capítulo irá analisar os caminhos percorridos pela Umbanda no Piauí, elucidando um pouco a implantação da primeira Federação da vertente religiosa mencionada, assim como os recentes levantamentos feitos por alguns órgãos, acerca de sua representatividade no estado. Além disso, irá ser feito uma breve apresentação do recorte espacial dessa pesquisa, à cidade de Parnaíba-PI.

⁴³MARIANO, Ricardo. Declínio católico: destradicionalização e diversificação religiosas. Porto Alegre: Debates do NER, 2013. p. 122

⁴⁴ Fonte: **Blog Registros de Umbanda**. Acesso em Abril de 2016, disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/>

⁴⁵ Fonte: **Blog Registros de Umbanda** Acesso em Abril de 2016, disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/>

CAPITULO II - UM BREVE HISTÓRICO DA UMBANDA NO PIAUÍ

Após a institucionalização da umbanda no Brasil, como já dito, houve um processo de expansão para as demais regiões do país. Não sendo diferente no Piauí, mesmo não se sabendo ao certo quando passou a ser adotada as práticas umbandistas em solo piauiense, devido à escassez de fontes que tratem dessa temática. Os relatos que se tem apontados por Sabrina Lima (2013) colocam o início da década de 1930 como marco cronológico de sua chegada à capital.

(...) com base na tradição oral do povo de santo, a Umbanda chega à Teresina em meados década de 1930, através da Sra. Joana Maciel Bezerra que teria chegado a cidade vinda do Ceará, onde já havia sofrido perseguições religiosas. Na tentativa de fugir dessas perseguições ela chega à Teresina, trazendo seus santos e orixás para montar, em lugar chamado Pontal, localizado no encontro dos rios Poty e Parnaíba, o que ficou conhecido como primeiro terreiro de Umbanda que se tem notícia na cidade de Teresina⁴⁶

Conforme se observa na fala de Lima (2013) a mãe de santo em questão foi embora de seu estado em virtude das perseguições religiosas, realidade essa que se repetiu em Teresina. Como destaca a autora que esses espaços religiosos se encontravam distantes das áreas mais habitadas da cidade. Essas casas configuravam o que caracteriza a zona rural, ambiente de mata fechada e, portanto de difícil acesso, isso ocorria por que das patrulhas policiais destinadas a fechar esses locais de culto. Fazia-se necessário uma localização estratégica, de modo que os policiais não pudessem encontrar esses espaços religiosos.

Ainda para Lima (2013) “após o falecimento de mãe Joanhinha do Pontal alguns de seus filhos montaram terreiros na cidade de Teresina e em cidades do Maranhão se destacando pela fama de grandes Pais e Mães de Santo”⁴⁷ ou seja, esse terreiro acabou sendo um polo irradiador das práticas umbandistas não só para outras cidades do Piauí, mais também para cidades maranhenses. Contudo vale ressaltar que mesmo essa mãe de santo juntamente com a “Tenda Santa Barbara” sendo o “marco inicial” nessas narrativas sobre a história da umbanda em Teresina não se pode afirmar que já não houvesse tais práticas

⁴⁶ LIMA, Sabrina Verônica Gonçalves. Ao som do tambor: o processo de institucionalização da umbanda nas décadas de 1960/70. Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2013. Monografia. Teresina. p. 24

⁴⁷ Op. Cit, 2013

religiosas em solo piauiense, que como já mencionado as pesquisas sobre esse campo ainda são muito incipientes.

Portanto pode-se considerar o que a pesquisadora Lima (2013) nomeou de primeira fase dessa vertente religiosa no estado. Onde posteriormente passou a se organizar de forma institucional com a fundação da primeira Federação de Umbanda do estado em 1964, três anos depois de ter sido realizado o II Congresso Nacional de Umbanda. Esse evento serviu justamente para mostrar o crescimento dessa matriz religiosa em âmbito nacional como aponta: Diamantino Fernandes Trindade.

O Segundo Congresso Nacional de Umbanda não foi tão importante, sob o ponto de vista ritualístico, como o Primeiro, porém trouxe grande contribuição para a união dos umbandistas. No evento, o potencial de crescimento da religião ficou evidente pela quantidade de adeptos que aos milhares, lotaram o Maracanãzinho⁴⁸.

Com a criação desse órgão no estado, intitulada Federação Espirita de Umbanda do Estado do Piauí (FEUEP), foi possível uma maior organização dos umbandistas piauiense. Em um contexto em que já havia uma propagação dessas práticas religiosas, e maior popularidade em âmbito local. Em virtude disso a FEUEP se transformou em um “divisor de águas”, inaugurando o que seria uma segunda fase do movimento umbandista no Piauí. Nota-se também a grande influência da doutrina de Kardec na escolha do nome desse órgão, com Espiritismo antecedendo o vocábulo Umbanda, uma tendência que perdura até os dias atuais.

Com a criação de um órgão representativo e de um estatuto para reger as normas internas desse órgão, podemos observar que além da iniciativa rumo à unificação da religião, existe também um movimento direcionado à racionalização e burocratização dos rituais da Umbanda no Estado. A FEUEP surge como um centro canalizador dos interesses de uma parcela da classe umbandista que servirá de intermediador entre os terreiros de Umbanda e outros segmentos da sociedade.⁴⁹

De acordo com o estatuto da FEUP, um dos principais objetivos para além da unificação da religião no Piauí era “elaborar regras a serem seguidas por todos os terreiros; difundir conhecimentos da umbanda em jornais, revistas e imprensa como o todo”⁵⁰ e de fato isso começou acontecer, os jornais passaram a publicar notas sobre os rituais umbandistas e

⁴⁸ TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda brasileira: um século de história. São Paulo: Ícone, 2009. p. 236

⁴⁹ Idem 2013

⁵⁰ Idem-Ibdem 2013

suas festas que eram promovidas pela Federação, principalmente em noticiários de grande veiculação da capital como o jornal O DIA, que serve para popularizar a religião na sociedade teresinense. Esse espaço na imprensa que a Umbanda conquistou nesse período fica mais evidente após a criação de uma Coluna no jornal “A Tribuna” que tinha por intuito tratar de assuntos relacionados a religião, mais especificamente os que fossem ligados a Federação.

Foi a partir da Coluna Correio Umbandista que pudemos tomar conhecimento das movimentações da Federação, da nova constituição dos terreiros e de como a comunidade Teresinense se relacionava com os umbandistas do interior. A Coluna mantida no jornal pela Federação foi o principal veículo de informação e de integração entre o povo de Umbanda e a sociedade em geral.⁵¹

Podemos observar que a década de 1970 foi o período o qual a Umbanda ganhou expressiva visibilidade no cenário piauiense, mas não se restringiu apenas ao estado. Esse foi um momento vivido pela religião em âmbito nacional, como já discutido anteriormente. Embora o momento fosse positivo no que diz respeito ao ganho de legitimidade, internamente havia muitas disputas de poder, por representantes da Federação isso resultou numa cisão dentro do órgão, gerando instabilidade no mesmo. Tendo como consequência o seu fim anos mais tarde.

O cancelamento do livro de registro marca o fim da Federação instituição de representatividade da Umbanda no Piauí. Da fundação do órgão até o cancelamento do registro passaram-se exatos 40 anos. Durante esses quarenta anos a Umbanda foi disputada e festejada. Passou por muitas transformações ganhou visibilidade, saiu dos quintais e tomou as ruas, as calçadas, as margens dos rios. Ganhou monumentos, construiu seu lugar na sociedade e desconstruiu os mitos e imagens negativas acerca da religião.⁵²

Mesmo após, o fim da Federação Piauiense que contribuiu para a popularização de suas práticas, a umbanda enquanto culto organizado, já havia implantado suas bases e continuou forte. Atualmente um dos órgãos responsáveis pela representatividade da Umbanda no estado é a Federação Umbandista do Brasil (FEUBRA), entidade sem fins lucrativos, que foi fundada na década de 1990, possuindo sede em Teresina. Possuindo como finalidade

⁵¹ Idem p. 51

⁵² Idem, Ibidem p.58

estimular o conhecimento da população a assuntos relacionado a cultura Afro brasileira, além de promover a integração social e o bem estar dos povos.⁵³

2.1 Recenseamentos: A visibilidade da Umbanda do Piauí

Em virtude disso, segundo dados do Censo de 2000 realizado pelo IBGE “trazem o total de 1350 adeptos da Umbanda e 100 adeptos do Candomblé para todo o Estado do Piauí. Quantidades que traduziriam em um total, digamos, de 15 terreiros possivelmente”⁵⁴, se levarmos em consideração esses dados, equivale dizer que em proporção, as religiões de cunho africano, englobando Umbanda e Candomblé seria em torno de 0,01% no Piauí. Contrapondo esses números com estados da região Sudeste, mas especificamente o Rio de Janeiro, que segundo Eugênio (2014) foi o grande polo irradiador da Umbanda no Brasil, com uma proporção de 4%, é perceptível a inexpressividade da afro-religiosidade no estado Nordeste.

Todavia, atualmente segundo dados da já extinta Coordenadoria Estadual de Direitos Humanos e da Juventude (CDHJ), do ano de 2009⁵⁵, existem mais de 1.500 terreiros de religiões afro-brasileiras (que englobam também o candomblé) no Piauí. Desses espaços religiosos quase 500 se concentram em Teresina. Similarmente, segundo mapeamento realizado pela Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC), realizado no ano de 2012 mostrou que existem 412 dessas casas de cultos na capital, desse total menos de 5% são de Candomblé o que revela a primazia da prática umbandista. Um outro dado importante diz respeito a quantidade de anos desses espaços, onde 81% delas passaram a existir há menos de 30 anos.⁵⁶

Paralelamente os dados do IBGE de 2010, mostram que estado possui 1564 adeptos de umbanda, o que equivale 0,38%⁵⁷ o que demonstra uma contradição se compararmos com os dados da CDHJ e da SASC, que comprovam existir uma alguma expressividade de praticantes da umbanda em terras piauienses, principalmente for levado em consideração os

⁵³ Fonte: *blog* da Federação Umbandista do Brasil FEUBRA-PI. Acesso em 16 de Maio de 2016, disponível em: http://feubra-pi.blogspot.com.br/p/historia_9927.html

⁵⁴ EUGÊNIO, João Kennedy org. *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 113

⁵⁵ Fonte: **Portal O Dia**. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/geral/religiao-piaui-possui-1500-terreiros-de-umbanda-e-candomble-45742.html>

⁵⁶ Fonte: *Blog da Revista Revestrés*. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/na-forca-do-rito/>

⁵⁷ Fonte: **Blog Registros de Umbanda**. Acesso em Março de 2016, disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/>

dados do censo realizado pelo IBGE do ano de 2010⁵⁸ que apontam o Piauí como o Estado mais católico do Brasil com cerca de 85,1% de sua população adepta ao catolicismo.

Nesse mesmo direcionamento, a Fundação Getúlio Vargas (FGV)⁵⁹, em pesquisa realizada no ano de 2013 indicou Teresina como sendo a Capital mais católica do país com 80,66% de fieis. Esses dados revelam uma enorme contradição, principalmente se for levado em consideração os dados do Censo de 2000, citados acima, que nos revela uma ínfima quantidade de terreiros, em torno de 15 para sermos mais preciso, percentual esse que equivaleria para todo o estado.

Nesse cenário, é possível se trabalhar com duas possibilidades, a primeira é que nesse último decênio a Umbanda teve um crescimento extraordinário no Estado do Piauí. Podendo ser medido no número de templos dessa vertente religiosa, saltando de 15 de terreiros para 1.500, ou então a causa mais provável, que a pesquisadora Haldaci Regina da Silva (2013) elenca abaixo:

Mas, de fato, muitos adeptos da Umbanda dificilmente professam apenas essa religião, o que marca outra característica que lhe é peculiar. A grande maioria declara abertamente frequentar outros cultos religiosos. Sendo assim, podemos dizer que, quer por receio social, quer devido às múltiplas filiações, muitas vezes os adeptos preferem não se declarar publicamente como umbandistas, o que torna praticamente impossível ter-se uma ideia precisa de quantos eles são em Teresina.⁶⁰

Esse receio social que a pesquisadora Haldaci Regina (2013), aponta, como sendo uma das justificativas para a invisibilidade dos umbandistas teresinenses em recenseamentos, característica essa que não se restringe somente a capital Piauiense, sendo uma tendência perceptível em todo o país. Isto pode ser explicada pelo o conceito que os gregos criaram na Antiguidade, e que o sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), elenca em sua obra *Estigma* (1988).

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza

⁵⁸ Fonte: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao>

⁵⁹ Fonte: **Fundação Getúlio Vargas**. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1481.pdf>

⁶⁰ SILVA, Haldaci Regina da. Sabores da casa, sabedorias de terreiros: práticas educativas e construção de saberes em um terreiro de umbanda de Teresina. Teresina: Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de pós-graduação, 2013. p. 19

alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo nem honroso nem desonroso⁶¹

Dentro dessa perspectiva *estigma* seria uma situação que o sujeito está imerso, fica impossibilitado de obter uma aceitação plena no meio social no qual está envolto. Isso acarreta na exclusão total ou parcial desse indivíduo no seu círculo de convívio. Essa condição pode afetar de diferentes maneiras os sujeitos, gerando muitos conflitos.

Seguindo essa lógica o autor identificou que esse conceito possui perspectiva dupla, onde os que não se enquadrem naquilo que a sociedade em suas diversificadas ambientações considera como características naturais e comuns sofrem com a condição de estigmatizado. Que por sua vez, assumem-na como característica distintiva, tendo em vista essa condição de “desacreditado”. Diante disso, o sujeito estigmatizado que não tem essa característica clara e evidente passaria para a condição nomeada pelo autor de “desacreditável”.

Dentro desse conceito Goffman (1988), menciona três tipos ou formas de *estigma*. No primeiro caso, seriam as deformações físicas, em seguida pode-se destacar: o alcoolismo, homossexualismo, distúrbio mental, entre outros. E por fim “os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagens e contaminar por igual todos os membros de uma família”⁶², onde se enquadra as religiões de matriz africana, como a Umbanda.

Ainda de acordo com Goffman (1988), esses indivíduos provavelmente possuem as mesmas crenças acerca de identidade daqueles que são considerados, ou se alto declaram como sujeitos “normais”, haja vista que estão inseridos e compartilham codificações culturais iguais ou parecidos. Isso pode gerar conflito enorme, o qual esses indivíduos passam a se definirem em um patamar inferior do que de fato o são, podendo passar a tratar seu *estigma* como castigo divino ou coisa do tipo.

A característica central da situação da vida do indivíduo estigmatizado pode, agora ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de “aceitação”. Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem⁶³

⁶¹ GOFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro. LTC Editora 1988. p.13

⁶² Op. Cit, 1988

⁶³ Idem 1988

Decorrente desse anseio por aceitação, aqueles que se sentem excluídos por determinada motivação, para não ser posto à margem, apresentam características “desidentificadoras”, montando disfarces, para encobrir traços que os transformam em “diferentes” perante o restante do convívio social, podendo assim, se enquadrar nos padrões de normalidade imposta.

O autor argumenta que o objetivo desses indivíduos ao montar “técnicas adaptativa”, ocasionando no “encobrimento” é diminuir a tensão gerada por essas situações, tendo em vista que muitos desses sujeitos não estão preparados para enfrentar determinados tipos de constrangimento por admitir que possuem um *estigma*. Entretanto, isso não é via de regra, há indivíduos estigmatizados que optam por mostrar a sua “diferença”, muito embora tenha sido necessário passar por todo um processo, tendo, dessa forma, superado muitas barreiras sociais.

É nesse cenário que a própria Umbanda se enquadra, com o que Renato Ortiz (1991) convencionou chamar de “embranchamento” de elementos que outrora, fora carregado de muitos estigmas. Para obter essa “aceitação” fez-se necessário aderir à padrões de normalidade melhor aceito, como no caso do sincretismo com outra religião, o espiritismo de Allan Kardec, além de já sincretizada com elementos do catolicismo.

Baseado nisso, o autor acredita que o “encobrimento” levanta outra questão, o problema da “visibilidade”.

A visibilidade é, obviamente, um fator crucial. O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. As consequências de uma apresentação compulsória em público serão pequenas em contatos particulares, mas em cada contato haverá algumas consequências que, tomadas em conjunto, podem ser imensas. Além disso, a informação cotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. Assim, qualquer mudança na maneira em que deve se apresentar sempre e em toda parte terá, por esses mesmos motivos resultados fatais⁶⁴.

Tendo em vista, essas questões, pode-se compreender que a invisibilidade faz parte de estratégias “desidentificadoras”, que por meio desse “receio social” o povo de santo não se assume como tal nesses recenseamentos, tornando-se invisíveis ou com pouca expressividade em dados oficiais quando se trata das religiões de matriz africana no Brasil. Muito embora, haja nesses recenseamentos, “pesquisas superficiais” como aponta Reginaldo Prandi (2004), que não conseguem abarcar essa temática como deveria.

⁶⁴ Idem, Ibidem p.54

Quanto a essa questão de identificação, acaba se tornando-se ainda mais difícil quando acontecem casos como o que houve com um pai de santo bastante conhecido na capital piauiense, encontrado morto em sua residência, onde funcionava também o terreiro no qual administrava. Segundo relatos do delegado que ficou à frente desse caso, o pai de santo foi encontrado com sinais de espancamento e sem roupa. As motivações para esse crime podem ter sido passionais ou latrocínio, aponta a polícia⁶⁵.

Todavia, apesar disso, o campo afro-religioso piauiense passa por transformações, assim como pontua o pesquisador Robson Cruz:

Meu surpreendente encontro com a afro-religiosidade piauiense se configurou a partir da invisibilidade social e institucional desse campo que desde que me instalei em Teresina, tem sido gradualmente revertida. Esta reversão tem se realizado a partir de iniciativas consubstanciadas pela militância social. A consolidação de políticas de governo mais articuladas com os movimentos sociais têm trazido à tona temas reivindicatórios que vão além dos genéricos combate à pobreza e à desigualdade, com a inclusão de pautas propostas, por exemplo, pelo Movimento Negro e pelos movimentos de mulheres, tornados mais visíveis pela nova conjuntura política.⁶⁶

Para ele as mudanças na conjuntura social e política tem sido fundamental para que as religiões de matriz africana saiam das “muros altos dos terreiros” e tomem outros espaços de maior publicidade na sociedade, podendo dessa forma extirpar certos preconceitos que rondam esses rituais. Por isso o autor considera que o estado nordestino estaria vivendo a “emergência no cenário público” das religiões de terreiro (em Teresina), sendo no Piauí representado pela umbanda, no qual possuiria grande maioria das casas de culto.

Desta feita, essa pesquisa versa sobre a visibilidade da Umbanda em Parnaíba-PI, nos dias atuais, procurando evidenciar se essa “emergência” ao público, das religiões de matriz africana, (nesse caso a religião aludida acima), se restringe apenas ao cenário teresinense. Ou se é uma tendência que se expande à outros lugares do estado como é o caso da cidade litorânea.

2.2 Aspectos religiosos de Parnaíba – PI

O município de Parnaíba está localizado ao Norte do Estado do Piauí, a 339 km da capital Teresina. Segundo estimativas do IBGE de 2014 sua população girava em torno de

⁶⁵ Fonte: **G1** Acesso em Março em 2016, disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/08/oscar-de-oxala-e-encontrado-morto-e-com-sinais-de-perfuracao-em-teresina.html>

⁶⁶ EUGÊNIO, João Kennedy org. *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 118

150 mil habitantes, configurando-se na segunda maior cidade do referente Estado. Desse total 137.507 é de população urbana e 8.222 população rural, sendo 94,49% da população se concentra no perímetro urbano da cidade⁶⁷.



IMAGEM 01: do alto a cidade de Parnaíba PI do ano de 2007

Fonte: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/3019036.jpg>

Economicamente destaca-se através do comércio e turismo, conhecida também como capital do Delta, por possuir o único delta em mar aberto das Américas Além das belezas naturais a cidade também tem um grande valor arquitetônico com mais de 800 imóveis tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)⁶⁸, destacando-se o Porto das Barcas, Casarão Simplicio Dias, Casa Inglesa, dentre outros.

A cidade de Parnaíba nos últimos anos tem se transformado em um polo, de atração universitária, pois conta com quatro Instituições de Ensino Superior que são elas: Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Faculdade Internacional do Delta (FID) e Faculdade Mauricio de Nassau, tendo atraído estudantes de vários Estados vizinhos como Maranhão, Ceará, Pará, dentre outros.

⁶⁷Fonte: **Portal da Prefeitura de Parnaíba**. Acesso em Março de 2016, disponível em: <http://www.parnaiba.pi.gov.br/>

⁶⁸ Fonte: **Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí**. Acesso em Março de 2016, disponível em: <http://novo.caupi.org.br/?p=4281>

No que se refere às atividades culturais pode-se destacar os festivais juninos conhecidos como “Folguedos” que acontecem entre os meses de junho e julho na Praça Mandu Ladino e o SALIPA (Salão do livro de Parnaíba) que acontece anualmente por volta do mês de Novembro no Porto das Barcas.

No que tange ao campo religioso, o Catolicismo é a religião predominante, seguindo a tendência do restante do estado. Como chama atenção Maria da Penha Fonte e Silva “o que predomina em nossa cidade a religião católica apostólica romana, embora haja muitos templos da igreja reformada, com muitos seguidores”⁶⁹ e para corroborar com isso, de acordo com dados do censo do IBGE do ano de 2000, Parnaíba contava com 113.120 católicos de um total de 132.282 da população.

Já de acordo com o último censo realizado no ano de 2010, o número de católicos na cidade era equivalente a 111.351 adeptos, onde podemos observar que houve uma pequena queda nos números de fiéis se comparado aos números do recenseamento do ano 2000. Sendo essa uma tendência nacional, como aponta Ricardo Mariano (2013) “Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6% pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6%, enquanto que os sem religião expandiram num ritmo ainda mais espetacular”⁷⁰. Com relação a quantidade de evangélicos na cidade, não tivemos acesso ao recenseamento do ano 2000, para que fosse feita essa comparação.

Conforme a pesquisadora Francisca das Chagas Silva (2013), atualmente existem duas grandes manifestações de cunho católico em Parnaíba. Como pode ser demonstrado nas imagens abaixo:

⁶⁹ SILVA, Marta da Penha Fonte e. Parnaíba, minha terra: Crônicas. Parnaíba: 1987. p. 121

⁷⁰MARIANO, Ricardo. Declínio católico: destradicionalização e diversificação religiosas. Porto Alegre: Debates do NER, 2013. P. 119



IMAGEM 02: Procissão do festejo de São Francisco de Assis
Fonte:<http://divulgandoevangelho.blogspot.com.br/2015/10/domingo-04-de-outubro-de-2015-as-00h02.html>. Acessado em 15 de Agosto de 2016

Essa primeira imagem é da festa de São Francisco de Assis, que acontece no mês de Outubro de cada ano, sua procissão no último dia de novenário atrai uma verdadeira multidão de fiéis, com devotos de outros municípios piauienses, além de cidades de Estados vizinhos, como Maranhão.

O intuito dessa celebração é festejar, cultivar, e pagar promessas, em outras palavras, seria: agradecimentos e penitências como: andar de joelhos, descalços, entre outras coisas. Com a finalidade de reder graças às bênçãos conseguidas de Deus por meio do Santo, essas práticas são aceitas com extrema normalidade dentro desses locais de cultos, uma vez que os santos dentro da Igreja Católica são mediadores entre os homens e Deus.



IMAGEM 03: Missa do festejo de Nossa Senhora das Graças
 Fonte: <http://180graus.com/parnaiba/parnaiba-encerra-festejos-de-nossa-senhora-das-gracas-com-multidao>. Acessado em 15 de agosto de 2016

Essa outra imagem é do novenário dos festejos de Nossa Senhora da Graça, padroeira de Parnaíba, que ocorre no mês de Setembro. Assim como afirma os pesquisadores Moreira e Perinotto (2012) “[...] esse evento faz parte do calendário turístico da cidade, caracterizado como evento religioso, porém também cultural”⁷¹. Que também atrai um contingente muito grande de fiéis e é considerado feriado na cidade.

Apesar de o catolicismo ser predominante, existem outras vertentes religiosas que vem ganhando espaço nesse cenário, como é o caso do protestantismo. O último censo demonstrou que existem uma quantidade de 20.403 evangélicos⁷², divididos em várias igrejas, tais como: Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Internacional do Reino de Deus, Igreja da Paz em Parnaíba, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana de Parnaíba, Igreja Quadrangular, dentre outras.

⁷¹ MOREIRA, Safira Castro, PERINOTTO, André Riani Costa. **A Igreja de Nossa Senhora da Graça como produto turístico (Parnaíba – PI)**. Revista *Turismo estudos e práticas*. UERN, vol. 1, n.1, 2012. p. 25

⁷² Fonte: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220770&idtema=16&search=piauiparnaiba|sintese-das-informacoes>

Já no que se refere ao Espiritismo outra vertente religiosa com adeptos na cidade. A cifra é equivalente a 1.138⁷³. De acordo com a União Municipal Espirita (UME), existem atualmente, nove centros em Parnaíba que são eles: Caminho da Luz, Caridade e Fé, Chico Xavier, Humberto de Campos, Semente Cristã, Vida e Progresso, Luz da Esperança, Perseverança no Bem e Grupo Bezerra de Meneses. A UME é composta por esses nove centros e filiada à Federação Espirita piauiense que por sua vez é filiada à Federação Espirita Brasileira.

No tocante as religiões de matriz africana esses números nem sequer aparecem no censo de 2010, isso se justificaria de acordo com o Pai de santo Caio⁷⁴ pelo ocultismo existente por detrás da fala daqueles que se auto declaram católicos. Ele cita como exemplo as festas do seu terreiro que costumam ter aproximadamente um número de 300 a 350 pessoas, onde desses nem todos são praticantes da umbanda, mas vão ao culto umbandista devido a devoção que sentem por algum orixá ou porque precisam ou já precisaram dos serviços daquela casa.

[...] vem pra cá se recolhe aqui por mais que fé seja professada ser católica porque na hora da entrevista ele vai dizer que é católico, [...] Tem católico que tem a imagem de São Jorge na sua casa mas quando vai lá pra imagem de São Jorge ele não se benze ele faz a reverência com a mão e fala oguê meu pai, ele reverencia aquele santo dentro dos moldes da Umbanda e do Candomblé, isso é demais. Eu digo assim pela minha própria família assim como eu a minha família também é umbandista, mas se você chegar eles sempre vão dizer que são católicos. Eu atribuo isso muito a questão do, na minha família eu posso assim a questão do medo, a minha tia sofreu muito na mão de um filho pra poder assumir. [...] E por causa disso ela sempre diz que é católica mas ela frequenta, ela trabalha ela recebe o santo dela ela trabalha normalmente, sempre vai ter uma coisa que vai impedir o pessoal de dizer que é umbandista, mas sempre estão presente nos terreiros.⁷⁵

A narrativa desse colaborador adquire autoridade uma vez que, está nessa religião a mais de 16 anos, além de pai de santo “menor”⁷⁶ da Tenda Espirita Imaculada Conceição é professor da rede municipal de Educação. Seu trabalho de conclusão de curso foi o primeiro

⁷³ Fonte: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220770&idtema=16&search=piauilparnaiba|si ntese-das-informacoes>

⁷⁴ Entrevista concedida no dia 10 de Maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁷⁵ Entrevista concedida no dia 10 de Maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁷⁶ De acordo com Haldaci Regina (2013) pai pequeno ou menor é a segunda pessoa do pai de santo e consequentemente o futuro pai de santo do terreiro.

da Universidade Federal do Piauí do Campus de Parnaíba que tratou sobre Umbanda⁷⁷, além de ser um dos trabalhos pioneiros que versam sobre essa temática na cidade.

De acordo sua fala, pôde ser observado que se torna ainda mais difícil traçar um panorama da quantidade de adeptos das religiões de matriz africana na cidade devido o sincretismo religioso presente, traço esse que faz parte da constituição do nosso tecido social, assim como mostrado no primeiro capítulo.

Conforme mapeamento realizado pela Associação Espirita de Umbanda e cultos afro-brasileiros de Parnaíba, existem 105 casas de cultos umbandistas e um terreiro de candomblé na cidade, quantidade relativamente grande num lugar onde ainda há uma certa hegemonia do catolicismo, como os números acima demostram, assim como, o protestantismo que segundo a fala do colaborador Caio, no âmbito religioso, atualmente é a que mais persegue os adeptos das religiões de matriz africana no Brasil.

⁷⁷ SOUSA, Caio Janser Silva de. Relações étnico-raciais e educação no Terreiro de Umbanda. Monografia, Universidade Federal do Piauí, 2015.

CAPITULO III - NA BANDEIRA DE OXALÁ: NOTAS SOBRE A UMBANDA EM PARNAÍBA

A umbanda é paz e amor um mundo cheio de luz. É a força que nos dá vida e a grandeza que nos conduz!
(Hino da Umbanda)

Da mesma forma como não se sabe ao certo quando se iniciou as práticas umbandistas em Teresina, em Parnaíba, também não é possível apresentar outras possibilidades de ideias da umbanda na cidade. Não obstante, de acordo com o livro *Tomei um Ita no Norte (memórias)*, publicado em (1981) do escritor Renato Pires Castelo Branco⁷⁸ (1914-1995) ao fazer relatos sobre sua infância na cidade de Parnaíba, menciona uma figura chamada Ana Calango, por quem o mesmo nutria uma espécie de medo, isso se dava, devido as histórias de feitiço e bruxaria que a cercavam, nesse período.

O relato de suas memórias de infância equivalente à esse personagem, é riquíssimo, em umas das passagens de sua obra, o autor elucidada:

Às vezes, sua casa exalava defumadores, incenso, arruda ou essência de outras plantas aromáticas, cujo perfume atravessava a rua e chegava até nós. (...) Minha mãe tratava-a com grande deferência. D. Ana recebia também recebia visitas de crentes de todas as classes, que entravam em sua casa furtivamente, evitando ser vistos pela vizinhança ou pelos acólitos do Padre Roberto... D. Ana era um yalorixá dos cultos afro-brasileiros e presidia um terreiro de candomblé no bairro dos Tucuns, onde incorporava orixás para realizar seus milagres. Muitas pessoas acreditavam nos seus poderes extra-naturais, na força de seus despachos, nos acontecimentos bons ou maus que deles resultavam.⁷⁹

É importante salientar que o perfil de frequentadores da casa dessa mãe de santo era independentemente de qual fosse a religião que se professava, ou classe social, do qual era pertencente. Onde uma das grandes preocupações era de serem vistos pela vizinhança da senhora ou pelo padre da cidade, isso demonstra que apesar do caráter predominantemente

⁷⁸ Renato Pires Castelo Branco, nasceu na cidade de Parnaíba, residindo até o ano de 1933, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde graduou-se bacharel em direito. Era também escritor e publicitário, considerado um dos mais importantes da publicidade brasileira. Também pertenceu à Academia Piauiense de Letras, entre suas obras estão: *A Conquista dos Sertões de Dentro* (1983), *A Civilização do Couro* (1942), *O Piauí: A Terra, o Homem, o Meio* (1970).

⁷⁹ BRANCO, Renato Castelo. *Tomei um Ita no Norte (memórias)*. São Paulo: L R Editora Ltda, 1981. p-p. 96-97.

católico da população parnaibana desse período, o sincretismo religioso era traço marcante na sociedade da época também.

Essa senhora que o autor faz alusão em sua obra como exemplificado no trecho acima é praticante do Candomblé e não de Umbanda que é o enfoque dessa pesquisa, todavia fez-se necessário a utilização desse exemplo para demonstrar que entre as décadas de 1920 e 1930 que é o período que esse escritor passa sua infância em Parnaíba, já havia referência à religiosidade afro-brasileira na cidade acima mencionada.

Semelhante a isso é válido destacar que as questões de religiosidade de matriz africana que temos registros só foi visualizada, na década de 1970, quando saiu uma nota à respeito da Associação Espírita de Umbanda da cidade de Parnaíba no Jornal “O DIA” de Teresina.

A União Espírita de Umbanda de Parnaíba, cujo estatuto acaba de ser publicado, é uma entidade clandestina. O depoimento parte do Sargento Salim, representante da Federação Espírita de Umbanda do Estado do Piauí. Acrescenta o Sargento Salim que o Sr. Luís Martins apontado como Presidente da União de Umbanda em Parnaíba, está explorando pessoas incautas naquela região, usando indevidamente o nome da Federação. Salientou ainda que junto às autoridades competentes está tomando providências, tendo em vista a extinção da “arapuca” montada no litoral piauiense⁸⁰.

Essa União Espírita de Umbanda da cidade que o jornal chama atenção, ainda funciona atualmente e é um dos órgãos de representatividade da religião em Parnaíba. Que de acordo com, atual presidente da Associação⁸¹, esse órgão foi fundado em 1971 com sede em Teresina e só veio para Parnaíba em 1973. No que diz respeito aos Estatutos, segundo ela, existem três, um do ano de criação, outro de 1972 e o que vigora nos dias atuais.

Como demonstrado no capítulo anterior, vale ressaltar que o contexto histórico em que foi publicada essa notícia no jornal “O DIA”, foi de suma importância para a visibilidade dessa religião no estado. “É exatamente no início da década de 1970 que a umbanda sai dos quintais, dos terreiros e do ambiente restrito das casas de culto e passa a ganhar as ruas”⁸², e os jornais tiveram determinado grau de importância nesse processo, pois a partir de então a Umbanda se popularizou e muitas pessoas passaram a conhecê-la.

Apesar do espaço que essa vertente religiosa conquistou na imprensa, é imprescindível destacar que a religião era representada nos jornais de formas diversificadas, “existiam dois discursos da imprensa as religiões de matriz africana: um que trata de forma respeitosa e o

⁸⁰ Jornal “O DIA”, 14 de Janeiro de 1972.

⁸¹ Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁸² LIMA, Sabrina Verônica Gonçalves. Ao som do tambor: o processo de institucionalização da umbanda nas décadas de 1960/70 em Teresina: Universidade Estadual do Piauí, 2013. Monografia. p. PROCURAR PÁGINA

outro que se refere de forma pejorativa e preconceituosa”⁸³, ou seja, essa abertura de espaço na imprensa ora contribui para uma maior popularização da Umbanda e ora, para reafirmar velhos estereótipos.

Se formos fazer um contraponto com a realidade atual, podemos observar que esse quadro não mudou em quase nada. “A direção do Hospital de Urgência de Teresina (HUT), confirmou que o corpo da menina de 10 anos, que morreu intoxicada em possível ritual de magia negra será submetido a autópsia”⁸⁴ esse trecho, de uma matéria que saiu recentemente no site da TV Cidade Verde, tendo ganhado grande repercussão no estado. Ainda é notável a persistência de discursos na mídia piauiense, que ainda tratam de forma pejorativa as religiões de matriz africana.

Entre esses dilemas e discursos que enfrenta a doutrina de terreiro, é inegável reconhecer que no cerne das manifestações presentes nesses espaços inúmeras concepções preconceituosas são subvertidas por crenças e rituais que se instalam para construção do respeito e empoderamento social. Como sugere o pai de santo Caio⁸⁵ até mesmo os próprios pais de mães de santo muitas vezes acabam por mistificarem a religião, transformando-a “em bicho de 7 cabeças” e isso tem um impacto negativo, que por sua vez acaba estereotipando ainda mais as religiões de terreiro.

3.1 A umbanda em Parnaíba: entre vivências e narrativas

Só podemos traçar um panorama do atual momento que a Umbanda vive na cidade, por meio das narrativas de sujeitos que vivenciam a religião na realidade em estudo, assim como também através da utilização de algumas imagens que retratam festas umbandistas praticados em espaços públicos de Parnaíba.

Sobre os relatos orais Alessandro Portelli⁸⁶ nos diz que eles possuem um aspecto que a diferencia de outras fontes em relação ao historiador, que é, a subjetividade de quem está se expondo, por isso, para além de colocar o que aconteceu em destaque, é importante para demonstrar o que um grupo ou segmento pensava em fazer. “Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores

⁸³ Idem, 2013.

⁸⁴ Fonte: **Site da TV Cidade Verde** <http://cidadeverde.com/noticias/218603/garota-intoxicada-em-suposto-ritual-de-magia-negra-morre-e-corpo-e-submetido-a-autopsia>, acesso em agosto de 2016

⁸⁵ Entrevista concedida no dia 10 de maio de 2016 á Maria Miriele Rodrigues Aires

⁸⁶ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, fev, 1997

envolvidos; mas contam-nos bastante sobre os custos psicológicos”⁸⁷ E ainda para Portelli as entrevistas também revelam fatos desconhecidos de eventos que são bastante conhecidos ou estudados “lançando nova luz” aqueles que sempre estiveram à margem da história.

Nessa direção João Carlos Sebe e Fabíola Holanda (2014) destacam:

Uma leitura mais cuidadosa dos fundamentos da história oral, pois deixa entrever que desde o início é a preocupação da história oral com o compromisso social marcado pela “voz dos excluídos”, revelação de aspectos desconhecidos, ocultos e desviados, não expressos nos documentos oficiais e escritos e, sobretudo, a denúncia do sofrimento extremo de grupos maltratados por situações variadas⁸⁸

Podemos destacar entre esses grupos sociais que não fazem parte das classes hegemônicas da sociedade, mulheres, grupos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e negros, que são discriminados principalmente no que diz respeito à um dos seus aspectos culturais, que é a realidade social estudada.

Dessa forma vamos nos utilizar das narrativas desses religiosos, para compreender o atual contexto, dessa vertente religiosa. Como Mãe Maria de Nanã atual presidente da Associação Espirita de Umbanda e cultos Afro brasileiros de Parnaíba as considerações feitas por essa mãe de santo adquire autoridade uma vez que essa sacerdotisa está à frente de um dos órgãos representativos da religião na cidade. E paralelamente também é coordenadora municipal da RENAFRO (Rede Nacional de Religiões Afro Brasileiras e Saúde), essa instância atua no sentido de valorizar os saberes dos terreiros com relação à saúde, além de potencializar esses conhecimentos, lutando para que haja seu devido reconhecimento e respeito⁸⁹.

Umbandista há mais de 40 anos, Mãe Maria de Nanã segundo nos narrou, é natural do estado do Maranhão, viveu por muitos anos no Pará e veio para Parnaíba na década de 1990, por causa da mãe que morava aqui na época. Ela passou a frequentar terreiros locais, assim como os de lugares vizinhos, podemos destacar Fortaleza, e cidades maranhenses, até abrir o dela, à cerca de oito anos atrás. Desde 2012 está à frente da União Espirita de Umbanda e Cultos Afro brasileiros, numa gestão equivalente à 4 anos, com eleições prevista para o final de 2016.

⁸⁷ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, fev, 1997. p. 31

⁸⁸ MEIHY, José Carlos Sebe B. HOLANDA, Fabíola. História Oral como fazer como pensar. São Paulo, 2014. Editora contexto, p. 79

⁸⁹ Fonte: **Blog da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde**. Acesso em Maio de 2016, disponível em: <http://renafrosaude.com.br/quem-somos/>

Continuando sua narrativa, ela nos revelou que o encontro com o mundo espiritual se deu por volta dos cinco, seis anos de idade, quando ainda morava no Maranhão, por meio de visões de coisas que aconteciam posteriormente. Geralmente estas visões estavam relacionadas à fatos envolvendo sua família. Aos sete anos começou a compreender, já recebia seu orixá cantava orações, muito embora ainda não soubesse ler. Com 10 anos começou à frequentar terreiro, nesse período já estava morando no estado do Pará, onde por intermédio de uma vizinha que havia percebido seu “dom” passou a leva-la, à esse espaço religioso.

[...] eu via coisa diferente eu era uma pessoa totalmente diferente dos outros irmãos... eu chorava por que achava que eu era louca, eu dizia assim pra minha mãe, puxa mãe vai acontecer isso e isso como a minha mãe não entendia as minhas irmã mais velhas não entendia ai eu apanhava por isso, então a gente se torna uma pessoa triste né as pessoas não gosta da gente, a gente não tem amigo, entendeu! Não gostavam de mim porque eu tinha visões me chamavam de boca de praga cê entendeu. Então são coisas assim, a gente se esconde, a gente se esconde das outras pessoas e isso é muito ruim, você não imagina, como de criança você traz o preconceito, da própria família da gente torturando a gente porque a gente é diferente, dentro de casa, muitas vezes eu apanhei na cara porque eu dizia que acontecia alguma coisa⁹⁰

Podemos observar por meio da fala da colaboradora que desde muito cedo, quando começaram a surgir às primeiras manifestações de sua mediunidade, criou-se um ambiente hostil dentro de casa. Essa não aceitação da sua subjetividade, não se restringiu apenas à família, mas também aqueles que estavam em seu entorno, ocasionando no afastamento das pessoas, que muitas vezes vinha acompanhado de deboches, como esse citado por ela (boca de praga), gerando certo isolamento dela do convívio social, por medo de sofrer discriminação.

Outro personagem importante para se compreender a realidade social estudada, é Mãe Geralda, sua narrativa adquire relevância devido ao fato ser atual presidente da FEUBRA (Federação Umbandista do Brasil), outro órgão que também representa a religião em Parnaíba. Essa instância, de acordo com sacerdotisa, tem por finalidade organizar a Umbanda verdadeira no Piauí.

Mãe Geralda é Umbandista há mais de 30 anos, natural de Fortaleza, estado do Ceará, sua vinda para o Piauí se deu em meados de 2010, tendo como motivação uma missão na qual lhe foi dada, porém, segundo nos relata essa missão em terras parnaibanas não estava associada a realização de trabalhos espirituais e muito menos ao desenvolvimento de filhas

⁹⁰ Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

(os) de santo. Ela era federada desde os 13 anos de idade em uma federação do seu estado natal, onde posteriormente se filiou a FEUBRA. Já como mãe de santo está há cerca de 18 anos, estando atualmente à frente da Tenda Espirita de Umbanda São João Batista que foi fundada há pouco mais de um ano.

A sacerdotisa nos evidenciou que seu encontro com o mundo espiritual se deu também na infância, com 13 anos, como já dito, fazia parte de uma federação, entretanto, antes disso aos oito anos de idade ela passou a frequentar uma igreja evangélica, por influência de sua irmã que era praticante dessa religião. Nesse período também acabou se convertendo “aceitando Jesus”, pois segundo nos relata “achava muito bonito aquilo tudo”. Muito embora, ainda fosse recorrente as manifestações de sua mediunidade, sentindo a presença de vultos, espíritos, e assim por diante.

[...] os pastor diziam que era demônio que era demônio, ai eu fui internada como louca. Antigamente eles usavam muito uma camisa de força era uma camisa mesmo aquelas que as mangas delas são assim um negócio grosso e não passa os dedos e eles ainda amarram pra trás, ai eles me davam remédio eu ficava delirando e eu vendo os espíritos eu começava a rezar pedir à Deus e veio alguém e me tirou um médico que era espirita. Eu passei 15 dias lá esse médico entrou e disse “você estão pensando que essa menina é louca? Isso aqui é uma manifestação de mediunidade!” Ai ele foi me deu minha alta.⁹¹

Nesse caso, a manifestação de mediunidade no período da infância de Mãe Geralda, foi associada à insanidade mental, chegando ao ponto de haver uma internação num hospital psiquiátrico de Fortaleza. Essa mesma situação também foi vivenciada por Mãe Maria, que após sua chegada em Parnaíba, passou três anos fazendo tratamento psiquiátrico, devido a pressão sofrida por familiares ao perceberem as características de sua mediunidade, como dito, isto foi mal compreendido, por vezes associado à loucura e ou distúrbios psíquicos.

Na tentativa de entender esta questão, Michel Foucault (1972), argumenta que a loucura se trata de uma invenção do discurso psiquiátrico que serviu como base para internação de indivíduos que não se enquadravam na nova ordem burguesa (trabalho) por volta dos séculos XIII e XIX.

Dessa forma para o autor, o ato de internação desses sujeitos era justificado como forma de cura, punição ou castigo, servindo para enquadrar subjetividades e ações fora da normalização institucionalizada na teia social, no caso específico das nossas colaboradoras, a loucura e o internamento demonstram como as suas subjetividades são destoantes ou no mínimo diferentes do padrão cultural da sociedade brasileira predominantemente católica.

⁹¹ Entrevista concedida em 14 de Abril de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

Em entrevista⁹² concedida à autora, Mãe Maria de Nanã disse que seu encontro com o universo religioso parnaibano foi difícil, devido às diferenças existentes na forma de se cultivar a religião no Piauí e no Pará, estado onde ela viveu boa parte de sua vida.

Aqui em Parnaíba eu não sei o que eles praticam. Eu pratico a minha que chama a mesa branca e o exu só, cura aos pretos velhos. As linhas espirituais são as mesmas, só que eles cultuam as vezes em rituais diferentes né, por exemplo a linha de caboclo eles bebem, eles fumam dentro de terreiro, então isso pra mim eu não gosto. Aqui no Piauí do jeito que eu conheço aqui são as mesmas coisas mas não com o ritual de lá mas sim com uma pancada diferente, não é como lá que a pancada é socada assim tem um ritmo diferente. [...] Trabalho com ervas, com ervas de cura⁹³.

Segundo ela, o que é praticado em Parnaíba é Umbanda e em Belém o que predomina é Mina, até pela proximidade geográfica e cultural do estado do Maranhão, onde o segundo ritual é característico. Uma dessas dessemelhanças apontada, diz respeito ao toque do tambor que no tambor de mina seria “mais puxado”, diferente do ritual umbandista. Por isso, foi necessário haver um processo preparação e adaptação que incluiu a volta dessa sacerdotisa a cidade de Belém, para que posteriormente pudesse conduzir um terreiro na cidade piauiense.

No que refere a utilização de ervas a pesquisadora Haldaci Regina (2013), explica que na capital piauiense apesar da dificuldade para se definir que tipo de umbanda é praticada em pode-se apontar o uso das ervas como um traço em comum entre os umbandistas teresinense, dessa forma, pode-se considerar que essa característica presente nesses espaços de cultos, possivelmente tenha conseguido exercer alguma influência no terreiro parnaibano que essa sacerdotisa administra.

Outro ponto que gera muita discussão diz respeito a utilização ou não de bebidas nesses espaços religiosos. Sobre isso Janina Azevedo⁹⁴ explica, que a utilização de álcool varia de casa pra casa, em algumas, fica a cargo da entidade essa decisão, já em outros é permitido, mas de forma regrada e há terreiros que o consumo é liberado, a não ser para os médiuns, e em último caso seu uso é abolido de vez. Essas mesmas regras são equivalentes para a utilização do fumo. Mãe Geralda⁹⁵ afirma que na umbanda que ela desenvolveu em Parnaíba, não faz uso de bebidas e nem de fumo, exceto o fumo dos pretos velhos. E aponta

⁹² Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁹³ Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁹⁴ AZEVEDO, Janaina. Tudo que você precisa saber sobre UMBANDA. São Paulo: Universo dos livros Editora Ltda. 2008. p. 134

⁹⁵ Entrevista concedida em 14 de Abril de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

isso como uma das variantes do ritual praticado aqui em relação ao que ela conhece em sua cidade natal.

[...] porque a umbanda que vocês conhecem aqui no Piauí é bem diferente da do Ceará, aqui o povo mistura muito o Candomblé com a Umbanda aí fica o Umbandoblé. [...] não é só isso tem muita coisa de diferente, aqui tem uma tabela de preços o povo cobra e dentro do que eu aprendi, é assim na verdade para a psicologia é um fenômeno para nós para-médios ou médios é um chamado, um dom que a gente tem é uma missão, mas o povo não entende eu não sei se é por cultura ou falta de conhecimento mesmo que as pessoas não praticam esse dom. Eu já fui em vários terreiros e tem uma tabela de preços! A espiritualidade suprema diz: daí de graça o que tu recebeste de graça, então como é que eu vou cobrar por uma coisa que Deus me deu?⁹⁶

A “cobrança”, é outro ponto de conflito por praticantes da religião, há casas onde os pais e mães de santo não cobram em dinheiro por seus serviços por defenderem que o contato com o mundo sobrenatural é um “dom” e, portanto não se pode cobrar por ele, como é o ponto de vista, defendido pela colaboradora acima citada. Todavia, há também quem defende outra perspectiva, como é o caso de Mãe Maria. Para essa sacerdotisa, assim como existe a cobrança de dízimo nas casas de culto de outras vertentes religiosas, ela também é a favor que haja cobrança nos terreiros de umbanda.

[..] em todos eu sou a favor dos tributos cobrados, porque como é que a gente vai ajudar os outros, por exemplo se você chegar com um problema e me disser que não tem dinheiro pra lhe dar, mas se eu tiver fumo no terreiro, eu digo eu tenho aqui eu vou ajudar você entendeu? E se eu não tiver fundo nenhum no terreiro como é que eu vou comprar uma vela, botar um banho um defumador em você se eu não tenho e nem você trouxe?⁹⁷

Ainda segundo ela, não há cobranças caso seja alguma reza em crianças ou coisa do tipo. No entanto, caso seja para retirar algum trabalho maléfico a cobrança é efetuada devido a necessidade de gastos com a compra dos materiais, que seriam utilizados nos trabalhos voltados para esse fim. Mas no geral as despesas de seu terreiro é custeada pelo seu cônjuge⁹⁸.

Nessa mesma vertente de pensamento pai José de Ribamar de Ogum, umbandista a 35 anos e pai de santo à cerca de 23, destaca que:

De existir, existe (cobrança), porque a gente precisa de um alimento do corpo a gente precisa de uma luz pra oferecer um álcool pra fazer um banho os mantimentos do terreiro, pagar uma água, pagar uma luz se manter o terreiro, né e quando a gente faz a caridade antes da gente cobrar tem uns

⁹⁶ Entrevista concedida em 14 de Abril de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁹⁷ Entrevista concedida no dia 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

⁹⁸ Entrevista concedida no dia 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

que já ver o que acontece e vem mesmo dando de livre espontânea vontade, cura ninguém cobra porque cura é coisa dada por deus, mas assim outro serviço que uma pessoa vem atrás de querer outra pessoa que o pessoal sempre procura isso eu já cobro eu não vou negar porque isso eu já cobro agora cura, eu faço uma cura hoje amanhã eu recebo o troco⁹⁹

O colaborador afirma que as cobranças não equivalem para todos os trabalhos, que os relacionados à cura de um enfermo são feitos de forma gratuita. Sobre isso Negrão (1993) sugere que o dilema referente a prática de pagamento pelo serviços prestados num terreiro, tem a ver com o caráter moralizante do Kardecismo que defende a prática da caridade como norteadora central da doutrina, portanto livre de qualquer interesse financeiro, muito embora as raízes africanas do culto validem essa cobrança.

Ainda nessa perspectiva Negrão (1993) destaca que o grande impasse é conseguir conciliar as despesas que essas casas de culto possuem, como o ideal de caridade. Dificilmente mães e pais de santos conseguem sozinhos cobrir todas as despesas dos terreiros e principalmente de suas famílias (na maioria das vezes esses sacerdotes não exercem nenhuma profissão), dessa forma uma das soluções encontrada diz respeito a cobrança “por jogo de búzios ou cartas”. Mas apesar de todas as estratégias o autor acima, afirma que a prática ainda é vista com desconfiança, pois dela pode emergir o interesse financeiro de quem possui os poder de intermediar o contato entre os dois mundos, transformando-se em ferramenta para pratica do mal.

Dito isto, é importante destacar que se estar focando mais nas narrativas dessas duas colaboradoras na discussão, pelo fato de ambas serem natural de outros estados e dessa forma conhecendo como o ritual dessa religião é praticado em suas respectivas cidades (Belém e Fortaleza), podendo, assim apontar as semelhanças e diferenças com o ritual que se pratica em Parnaíba.

Muito embora, o foco principal dessa pesquisa não seja um estudo de caso a respeito de qual ou quais umbandas se praticam no município, tornam-se importante essas breves considerações, para que se possa entender um pouco das peculiaridades do universo umbandista parnaibano em detrimento à outros lugares.

Para além dessa questão nota-se, que as duas ocupam um cargo de destaque nos dois órgãos que representam a religião na cidade, e ambas são do gênero feminino, personagens esses, que foram historicamente considerados como meras coadjuvantes da História e desta

⁹⁹ Entrevista concedida no dia 10 de maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

feita, inferior em relação ao gênero masculino¹⁰⁰. O que pode ser perceptível em outras filiações religiosas como o catolicismo que o homem ainda permanece como figura central na celebração da missa, o qual as mulheres aparecem apenas para auxiliá-lo no decorrer do culto.

Outra figura que segundo o pai de santo Caio sofre muita discriminação que em outras religiões é o homossexual, dessa forma é necessário haver uma mudança comportamental para que possam se enquadrar nessas casas de culto. “(...) homossexual aqui dependendo de como ele chega é ele e ponto, se ele chegar e der o nome de mulher ele vai ser tratado como mulher”¹⁰¹, pois como chama atenção o colaborador, o mais importante é o respeito que deve haver com o regimento do terreiro, com o pai ou mãe de santo e todos que frequentam aquele espaço.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Janaína Azevedo (2008) sugere, que a Umbanda foi uma das pioneiras na esfera religiosa no que diz respeito à quebra desses “tabus sexuais” existentes, e também por isso, foi duramente perseguida. Neste sentido a religiosidade em estudo aqui, se diferencia das outras formas religiosas tradicionais (cristianismo católico/protestante) que fazem parte da formação cultural da cidade de Parnaíba.

Em virtude disso, na próxima sessão será exposto algumas questões que conseguem tencionar a visibilidade Umbanda na cidade Parnaíba, por isso os trabalhos com imagens e relatos orais são, em nossa perspectiva é a metodologia que melhor se adequa a proposta de estudo em questão.

Nessa concepção Eduardo França Paiva (2006) diz que o uso da imagem tem se tornado importante ferramenta de reflexão, onde se busca não só compreender o que nela está retratado, mas, sobretudo, os não ditos existentes por trás da figura imagética, podendo dessa forma, desvelar outras problemáticas, outras realidades para além do visível.

3.2 Entre o visível e o subalterno: a religiosidade afro brasileira em Parnaíba-PI

Atualmente Parnaíba conta com mais de 100 casas de cultos umbandistas¹⁰², mesmo essa quantidade não sendo consenso entre os praticantes do culto, se consideramos as pesquisas realizadas por Mãe Geralda a cifra seria correspondente a não mais de 30 terreiros, uma quantidade bem inferior à apontada pelo mapeamento aludido acima.

¹⁰⁰ PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. p.185

¹⁰¹ Entrevista concedida no dia 10 de Maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

¹⁰² Levantamento feito pela Associação Espirita de Umbanda e Cultos Afro brasileiros de Parnaíba

Todavia apesar dessa discordância em relação ao número desses espaços, existe algo muito característico que abrange os locais que foram visitados no decorrer dessa pesquisa (e possivelmente se estende aos demais), que diz respeito a sua localização. Geralmente situam-se em lugares mais afastados do centro da cidade, havendo dificuldade com relação ao acesso, ou a inexistência de uma faixa que remonte a uma casa de cultos.

Pode-se dizer, que essa mesma realidade é vivenciada também pelos terreiros de Teresina. Pois de acordo com a filha de santo do terreiro Santa Bárbara, (localizado na capital) Isadora Felizardo, um dos maiores problemas enfrentados pelo povo de santo teresinense é que “a maioria dos terreiros de Umbanda estão localizado nas periferias, seus componentes enfrentam várias mazelas”. No entanto, apesar dessa realidade de invisibilidade que tanto os terreiros da capital como os de Parnaíba estão imersos, existe algumas mudanças consideradas positivas no contexto parnaibano, assim como aponta a narrativa do outro colaborador, o pai de santo Caio:

A Umbanda é uma religião que cresce bastante, até então nós tínhamos 78 terreiros, hoje somos quase 105 terreiros abertos aqui em Parnaíba, por causa da liberdade. (...) Hoje em dia o momento que a gente vive é a aceitação de ser negro dessa última década que a gente tá vivendo o ser negro tá muito forte eu chego a dizer que é tendência, eu vejo pessoas brancas se auto intitulem negro, a ajuda que a educação deu com a disciplina História da África ajudou a divulgar a nossa história a nossa religião.¹⁰³

Esse momento, de “aceitação do ser negro” que segundo o colaborador estaria se vivendo nesses últimos dez anos, Reginaldo Prandi (2004) aponta que é um movimento que começou no Brasil em meados das décadas de 1960 e 1970 com a valorização por elites paulista e carioca de aspectos trazidos da África como o reaprendizado de elementos linguísticos, mitológicos e ritualísticos. Movimento este de suma importância para o resgate cultural do patrimônio que fora perdido ou apagado em épocas anteriores e havia se transformado em motivo de orgulho para o país nesse período.

Nessa mesma perspectiva Almicar Araujo (2011) afirma que a luta dos movimentos sociais, principalmente do Movimento Negro no decorrer do século passado pela “reavaliação do papel do negro na História do Brasil e a valorização de sua cultura” começaram a ter reflexos já na Constituição de 1989. Outros desses ganhos formam o reconhecimento da pluralidade étnico cultural do nosso país nos currículos do ensino de História e literatura, assim como a seguridade no seu artigo 5º, incisos VI e VIII da liberdade de cultos religiosos,

¹⁰³ Entrevista concedida no dia 10 de maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

a proteção desses locais e não privação de direitos de nenhum indivíduo por conta da religião professada¹⁰⁴.

Ademais no que tange aos aspectos jurídicos, frisa-se que nos artigos 215 e 216 é colocado como dever do Estado brasileiro a proteção das manifestações culturais dos indígenas e afros brasileiros, reconhecendo-os como patrimônio nacional os bens de natureza material e imaterial que fazem referência aos diferentes grupos sociais que compõem a nossa formação sociocultural¹⁰⁵ ao longo de nossa história. O reconhecimento promovido pelo Estado brasileiro com abertura a “diferentes grupos sociais” na Carta Magna não ficou restrito apenas à dispositivos constitucionais.

Eles puderam ser notados também de acordo com o autor, no que diz respeito à outra importante conquista já nos anos 2000 que foi a aprovação da lei 10.639/2003 tornando obrigatório o ensino da cultura afro brasileira nos livros didáticos. Seu intuito foi promover o reconhecimento das singularidades presente nos diferentes grupos que contribuíram para o nosso processo de formação social¹⁰⁶, de modo que houvesse, conhecimento a respeito da história desses povos como pontuou o pai de santo em sua narrativa.

Ainda de acordo com a fala do colaborador houve um aumento no número de terreiros em Parnaíba, apesar de não especificar a partir de quando começou haver esse crescimento com relação ao número de casas de cultos umbandistas, a narrativa do pai de santo demonstra que nos últimos anos essa tendência de “recuperação” dos adeptos umbandistas já mostradas nos capítulos anteriores, teve reflexo em Parnaíba, se levado em consideração o aumento na quantidade desses espaços religiosos, tendência essa, que também aconteceu na capital do estado, assim como também evidenciado anteriormente. Ainda para esse sacerdote:

Hoje em dia a RENAFRO com o trabalho que ela faz, Parnaíba toda conhece o que é a Umbanda isso não dá mais vergonha da gente chegar e dizer que é do santo, a gente chegar e sair com uma blusa dessa daqui de brodeli no centro não faz mais vergonha, não faz mais vergonha colocar uma guia no pescoço, não faz mais vergonha abrir sua casa. Hoje em dia a gente tem pessoas que com três, quatro anos está abrindo a sua casa de Umbanda (...) a juventude da Umbanda é enorme, você vai nos terreiros e se toda casa de Umbanda ter uns três, cinco jovens frequentadores assíduos nas sessões... eu acho que esse movimento é nacional, eu vejo que o movimento cresceu muito, os congressos, os shows...¹⁰⁷

¹⁰⁴Fonte: BRASIL. Constituição (1988). In: Vade Mecum Penal. 6º ed. Recife: Editora Armador, 2015.

¹⁰⁵Fonte: Op. Cit, 2015

¹⁰⁶Ver: PEREIRA, Almicar Araujo. A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 17, 2º sem. 2011

¹⁰⁷Entrevista concedida em 10 de maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

De acordo com essa narrativa, a umbanda, atualmente estaria mais visível na cidade, ou seja, um processo de maior visibilidade já se esboça, muito embora suas casas de culto como já dito, ainda permaneçam em locais mais afastados. Para o colaborador em fala já citada todos ou grande parcela da população já saberiam da existência de adeptos dessa religião em Parnaíba. Ainda segundo o pai de santo, isso só estaria sendo possível, devido à perda de receio desses indivíduos de estarem se assumindo enquanto filhas e filhos de santo, com uma maior liberdade para a utilização fora dos terreiros, de acessórios e vestimentas antes utilizados somente nesses espaços.

As imagens abaixo ilustram a liberdade exposta na fala deste colaborador.



FIGURA: 04 Dança umbandista na Praça da Graça
Fonte: Arquivo pessoal

Essa imagem é da *I Caravana Afro Cultural de Terreiros de Parnaíba*, realizada no dia 31 de Outubro de 2015, pela Tenda Espirita São Cosme e Damião, esse evento durou três dias, consistiu em apresentações musicais, artísticas e a promoção de oficinas de capoeira, confecção de turbantes e bijuterias, abertos ao público em geral. A imagem acima é do segundo dia do evento, a abertura aconteceu no terreiro mencionado anteriormente e o último dia, as atividades foram realizadas na Praça Mandu Ladino.

Há elementos muito significativos a serem apreendidos nessa imagem. Um deles diz respeito ao fato da própria realização desse ritual ter acontecido na principal praça da cidade

(Praça da Graça), que diariamente conta com um fluxo enorme de gente, devido sua localização se dar no centro de Parnaíba.

Por isso como pode ser percebido, muitos curiosos pararam para observar o que estava ocorrendo com olhares de surpresa e talvez de questionamento sobre o que fazia um “bando de macumbeiro” em plena luz do dia em um espaço, antes comum à outras manifestações religiosas? Como por exemplo, os festejos em homenagem a Nossa Senhora da Graça, (a praça inclusive carrega o nome da santa católica), que ao fundo da imagem é perceptível a Igreja Catedral, uma das mais antigas e importantes da cidade litorânea.

(...) porque não é só fazer um trabalho, rufar um tambor ali no terreiro e vestir uma farda ali fechou as portas e pronto, como é que você vai ter o conhecimento do que é a umbanda o que é um espírito, se você está com a porta fechada, não ver o fundamento, então pra isso precisa as pessoas ir pra fora mostrar o que é o seu trabalho o que é uma religião, então precisa disso pra acabar com esse preconceito, a gente pra esse povo minha filha é um monstro¹⁰⁸

Para a colaboradora esses eventos em locais públicos, seriam ferramentas para auxiliar na desmistificação de elementos já cristalizados na sociedade de forma preconceituosa. Por isso, o pai de santo José Ribamar de Ogum acredita que o fato de persistir ainda muita resistência está relacionada a forma como as pessoas que não vivenciam essa religião a veem, “porque o pessoal não sabe divulgar o que é umbanda”, compartilhando do pensamento de Mãe Maria sobre a importância levar um pouco do rituais, danças e cânticos umbandistas para outras sociabilidades.

José Ribamar de Ogum também salienta que apesar de “divagar” esse movimento de “divulgação” estaria começando a acontecer. O que também pôde ser percebido, no II Umbanda Fest, realizado na Praça Mandu Ladino, pela FEUBRA.

¹⁰⁸ Entrevista concedida em 29 de Fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires



FIGURA 05: Festa em homenagem ao dia da Umbanda
Fonte: Adriano Carvalho Fotografia

Esse evento foi realizado no dia 15 de novembro de 2015 em comemoração ao dia nacional da Umbanda, na Praça Mandu Ladino. Segundo nos conta a colaboradora Mãe Geralda só há Umbanda Fest em duas cidades do país: Parnaíba (PI) e Bauru (SP), na cidade paulista já está na 15^o edição enquanto que na piauiense se encaminha para a 3^o edição.

Diferentemente da outra praça aludida acima. Esse outro logradouro (praça Mandu Ladino) é mais voltado para práticas de lazer da população parnaibana e a realização dos festivais juninos que acontecem anualmente na cidade. No que tange a festas religiosas, essas são quase inexistentes nesse espaço.

Nesse sentido, podemos perceber na imagem acima, que há relativa quantidade de gente, um grande número, na condição de expectador. Entretanto, não podemos afirmar que essas pessoas são ou não seguidores do culto, para além dessas questões a festividade estava aberta a todos os sujeitos: curiosos ou praticantes dos cultos em terreiros.

Apesar desse logradouro não está localizado no centro de Parnaíba (a exemplo da Praça da Graça), quando são realizadas festas nesse local, o barulho consegue atingir grande parcela dos bairros mais centrais da cidade. O que demonstra que a apropriação desses espaços pelos umbandistas não é algo aleatório, havendo uma forte carga simbólica e intencional, uma das ideias primeiras seria dar visibilidade a tais práticas.

Nesse sentido, de acordo com a sacerdotisa que ajudou a organizar esse evento (Mãe Geralda), houve uma evolução dessa segunda edição em comparação a primeira ocorrida em 2014, isso porque aconteceu maior divulgação nos terreiros, procurando se explicar a proposta

do evento, além de ajudas externas como da Federação de Fortaleza que Mãe Geralda foi federada, e da sede, Teresina. Todavia, vale salientar que nem todos os terreiros da cidade até mesmo aqueles que são filiados aos órgãos representativos participam desses eventos em praça pública, sobre isso a filha de Santo Isadora Felizardo, comenta.

(...) já ouvi falar de terreiros daqui que não nem se interessam em participar dos movimentos sociais promovidos porque não tem interesse nesse tipo de expansão. Eu respeito o posicionamento dos sacerdotes que pensam dessa forma, no entanto, acredito no que disse anteriormente, que devemos batalhar por melhorias e só conseguiremos isso através da união de nosso segmento¹⁰⁹

Para ela a não existência de uma homogeneidade na classe, contribui de maneira prejudicial no que diz respeito a avanços e melhorias para esse segmento. No entanto Negrão (1993), ressalta que a heterogeneidade no campo organizacional já é algo típico própria religião, no qual são poucos as mães e pais de santo que tem interesse na legitimação e respeito do culto diante da sociedade.

Ainda para o autor, após o período de perseguições policiais, que se fazia necessário a proteção desses espaços pelas federações, “a umbanda dos terreiros é ainda um mundo encantado”, sendo considerado prioridade (para grande parcela dos praticantes) o contato com o mundo espiritual vivenciado nos rituais dessas casas de culto, em detrimento a lutas políticas e sociais em prol da respeitabilidade e uma maior visibilidade da religião, sendo os próprios órgãos representativos vistos como alheios a umbanda.

Essa filha de santo também faz uma reflexão do cenário em que umbanda vive em Parnaíba atualmente:

Quanto à luta por políticas públicas, Parnaíba ainda está despertando aos poucos, mas já tem muitos trabalhos realizados e reconhecidos à nível municipal. (...) Parnaíba já deu seus primeiros e significativos passos, também já está começando a se organizar, se mobilizar quanto essa realidade de trazer benefícios sociais a nossa comunidade de terreiro¹¹⁰.

Segundo suas afirmativas, a umbanda na cidade estaria passando por um processo organizacional, embora de maneira muito tímida ainda, os eventos que vem acontecendo em âmbito público, como a semana cultural, realizada na casa de cultura no ano de 2015, onde

¹⁰⁹ Entrevista concedida em 30 de março de 2016, para Maria Miriele Rodrigues Aires

¹¹⁰ Entrevista concedida no dia 30 de Março de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

foram expostas roupas e paramentos utilizados na umbanda e no Candomblé, para o público em geral assim como a I Caravana Afro Cultural de Terreiros serviram para mostrar um pouco da religião.

Ainda na visão dela se fez uma comparação com a realidade social da umbanda em Teresina, do ponto de vista organizacional já está bem à frente de Parnaíba, pois, lá já existe um movimento mais amadurecido, com uma articulação em nível mais elevado, e que já se estaria buscando por melhorias das condições de vida do povo de santo citando como exemplo a aquisição de mais de 50 casas do programa “minha casa minha vida” do governo federal para a comunidade de terreiro da capital. Por sua vez na cidade em estudo a prioridade de alguns pais e mães de santo é a busca pelo reconhecimento e respeito do culto.

Muito embora, essa prioridade, não é partilhada por grande maioria dos seguidores da religião. Se levado em consideração a pouca representatividade dos terreiros parnaibanos nos eventos promovidos pelos órgãos que os representam. Isso possivelmente seria reflexo também dos estigmas e preconceitos enfrentados dos adeptos dessa doutrina dessa realidade social, assim como aponta a narrativa dos colaboradores.

Já sofri vários preconceitos porque aqui o povo tem a mente menor, não sei se é porque é interior, aqui tem a cultura que mãe solteira é rapariga né! Fulano é macumbeira, olha a macumbeira (...) Eu recebi da espiritualidade fazer um encontro com os pais de santo, então a gente foi pedir o espaço do Porto das Barcas ai me orientaram pra dizer que era um encontro fraterno, porque se dissesse que era um encontro umbandista ele não ia querer ai eu fui, e quando ele soube que era um encontro de umbandistas esse homem ficou tiririca, disse que macumbeira era do diabo, macumbeira era do cão que ele nunca mais queria saber, mas uma pessoa da família acabou precisando da minha ajuda e eu ajudei e pronto¹¹¹.

Ainda de acordo com a sacerdotisa, as discriminações que sofria eram muito corriqueiras especialmente na sua vizinhança, ao ponto de algumas pessoas praticantes de outras filiações religiosas, jogarem na sua porta cartas, papéis de conteúdo ofensivo. Esse quadro também se repetiu na escola na qual a mãe de santo foi fazer um curso técnico, onde um professor tentou impedi-la de realizar o trabalho referente à disciplina, devido a sua opção de crença.

As afirmativas dessa colaboradora refletem o conservadorismo em termos de religiosidade na cidade. A Parnaíba de Nossa Senhora da Graça, ou de São Francisco de Assis, assim como demonstrado nas imagens acima, parece não aceitar outros ídolos e outros

¹¹¹ Entrevista concedida em 14 de Abril de 2016, à Maria Miriele Rodrigues Aires

deuses. A formação das almas parnaibanas sob o estandarte da prática cristã. O que pode ser reverberando em falas e práticas agressivamente preconceituosas em relação aos umbandistas (aludida pelo colaborador acima).

Da mesma forma, o Pai de Santo Caio¹¹² em sua narrativa nos aponta, que na última comemoração ao dia nacional da umbanda o seu terreiro juntamente com alguns outros da cidade foram para uma praia e quando deram início as suas danças e cânticos, as pessoas que estavam presentes no local, aumentaram o volume do som do carro e muitas delas professaram insultos e xingamentos direcionados ao povo de santo. O sacerdote também contou que sofreu muita perseguição no período da universidade, principalmente quando da apresentação do seu trabalho de conclusão de curso que era referente a temática religiosa afro brasileira.

Já mãe Maria, nos relatou que sempre costuma andar nas ruas com vestimentas e acessórios que remetem a ritualística umbandista, não sofrendo preconceito, por causa disso, exceto:

(...) teve uma vez no colégio da minha neta, umas das professoras me olhou com a cara de espanto né, aí eu perguntei pra ela se ela tinha algum preconceito do modo que eu tou vestida, ela respondeu : “não senhora, é que eu nunca vi pessoas vestidas desse jeito” até que eu perdoei porque eu chegar num colégio religioso vestida daquele jeito, que ninguém aqui anda vestida daquele jeito, mas depois eles passaram a entender a me tratar bem, aí eu sentei fui explicar pra ela como que era, porque eu andava daquele jeito¹¹³.

É possível perceber nessas três narrativas que ambas possuem um ponto em comum além do preconceito que é enfrentado cotidianamente por esses sujeitos. A maioria dos casos de discriminação foi vivenciado no âmbito educacional, seja na escola ou na universidade, tendo o professor sido o propagador desse tipo de intolerância. Em virtude disso, Tomaz Tadeu da Silva (2005), afirma que a postura pedagógica mais recomendada nesses espaços que também são responsáveis pela produção de conhecimento é a tolerância que deve vir acompanhada acima de tudo, do respeito a tudo que é considerado estranho ou no mínimo diferente¹¹⁴

Dito isto, nossas fontes orais e icnográficas indicam que apesar do conservadorismo ainda muito presente, existe uma maior liberdade religiosa para os umbandistas na cidade, que

¹¹² Entrevista concedida em 10 de maio de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

¹¹³ Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2016 à Maria Miriele Rodrigues Aires

¹¹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.73

não está associada apenas ao uso da indumentária em outros locais mas também, através da apropriação do espaço público para festas e rituais característicos da religião, antes restrito apenas a certos espaços de culto, isso pode ser reflexo, como já dito, da mudança que houve com a intensificação da “luta dos movimentos sociais, que apresentavam várias reivindicações na segunda metade do século XX e especialmente a partir dos anos de 1970”¹¹⁵ reverberando resultados no transcorrer dos anos 2000 com a promoção de políticas públicas pelo Estado brasileiro.

Tais como a lei 11.635/07 de 27 de Dezembro de 2007 (nosso recorte temporal), que criou o dia de Combate a Intolerância religiosa em âmbito nacional (21 de janeiro), essa lei foi sancionada em homenagem a uma mãe de santo que sofreu ataque fulminante do coração, após ver seu nome estampado num jornal evangélico com denuncia de charlatanismo¹¹⁶, ademais no ano de 2010, foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial com a finalidade de “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos, individuais, coletivos, e difusos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância étnica”¹¹⁷ abrangendo desde da cultura à religiosidade, sobre isso o estatuto prevê:

Art. 25. O reconhecimento da liberdade de consciência e de crença dos afro-brasileiros e da dignidade dos cultos e religiões de matriz africana praticados no Brasil deve orientar a ação do Estado em defesa da liberdade de escolha e manifestação de filiação religiosa, individual e coletiva, em público ou em ambiente privado.¹¹⁸

O Estatuto reitera a liberdade de crença das religiões de matriz africana com o direito de serem promovidas suas manifestações em âmbito público ou privado, assim como o dever do Estado brasileiro de proporcionar a defesa e o respeito desses cultos. Nessa mesma perspectiva o governo Federal sancionou a lei 12.644, onde reconheceu a data de 15 de novembro como o dia nacional da umbanda, a ser comemorado anualmente em todo o território, essa lei entrou em vigor no dia 16 de maio do ano de 2012¹¹⁹.

¹¹⁵ Ver: PEREIRA, Almicar Araujo. **A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”**. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 17, 2º sem. 2011. p. 26

¹¹⁶ Fonte: **Jornal do Senado**. Acesso em 04 de agosto de 2016, disponível em: <http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>

¹¹⁷ Fonte: **site do Planalto**. Acesso em 05 de Agosto de 2016, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm

¹¹⁸ Fonte: BRASIL, Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2006.

¹¹⁹ Fonte: **Site do Planalto**. Acesso em 05 de Agosto de 2016, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112644.htm

Concomitante a isso, no ano de 2014 foi apresentado na Câmara dos Deputados o projeto de lei 7997/2014¹²⁰ que previa acrescentar dispositivo a lei 7.716 de janeiro de 1989 que considera crime discriminação por cor, etnia, religião e procedência nacional¹²¹, dessa forma, a (PL7997), tinha como proposta que fossem “consideradas religiões, o Candomblé a Umbanda, e todas aquelas que adotem símbolos, valores e tradições em geral de origem africana”¹²²

No entanto, apesar de ter obedecido todos os trâmites legais legislativo, a autora do referido projeto, requereu a sua retirada da pauta na Câmara dos deputados, o motivo para tal não pôde ser visualizado pelo fato de ter se fundamentado no regimento interno da casa, dessa forma ficou suspenso até segunda ordem. Todavia, isso demonstra que as questões relativas aos aspectos religiosos afros brasileiros, estão sendo mais evidenciados e problematizados por alguns setores da sociedade.

Com isso, pode-se perceber que em Parnaíba a religião vive um momento, o qual se busca por respeitabilidade e reconhecimento na sociedade, por isso tem começado haver a saída dos locais restritos aos cultos umbandistas para outros espaços, como praças ou universidade, como demonstram as narrativas e imagens acima. Desta feita, os aspectos da religião são importantes de serem apreendidos de forma mais detida, pois deles emergem questões como identidade, discriminação, preconceito entre outras questões igualmente relevantes.

¹²⁰ Segue em anexo

¹²¹ Fonte: **Site do Planalto**. Acesso em 05 de Agosto de 2016, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm

¹²² Segue em anexo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar compreender a conjuntura da Umbanda em Parnaíba-PI nos dias atuais, exigiu primordialmente algumas breves considerações a respeito do universo religioso, dos diferentes povos do continente Africano que foram trazidos para o Brasil na condição de escravizado. Tendo, o sincretismo com aspectos religiosos das populações que já habitavam o território brasileiro (indígenas e europeus), sido uma das formas de resistência para que as religiões de matriz africana pudessem continuar a ser praticadas, apesar da forte repressão e “demonização” empreendida pela Igreja Católica Apostólica Romana no período colonial.

Esse sincretismo deu origem no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX outro culto intitulado Umbanda. Que se expandiu para as demais regiões do país, no qual partir das décadas de 1930-1940 começou um movimento em prol da sua institucionalização com o surgimento da primeira federação. Já nas décadas seguintes, especialmente nos idos de 1970 a umbanda ganhou visibilidade, havendo o crescimento no número de seus seguidores e a popularização de suas práticas na esfera social.

Esse movimento organizacional e de publicidade da religião teve reflexos no Piauí com a criação FEUP, primeiro órgão representativo do culto no estado e posteriormente a “saída para a rua”, de suas festas e rituais que passaram a ser realizados em espaços públicos da capital. Apesar dessa conjuntura favorável não ter se repetido nos anos seguintes tanto a nível estadual como nacional, estudos apontam que atualmente Teresina passa pelo o que pode ser considerado como segundo momento na busca por publicidade e respeitabilidade.

Dessa forma pudemos perceber que esse contexto não se restringe apenas a capital piauiense, onde na segunda maior cidade do estado, Parnaíba-PI a umbanda vivencia situação parecida. As imagens da I Caravana das Religiões Afro brasileiras e da festa em comemoração ao dia nacional da religião realizadas nas duas mais importantes praças da cidade litorânea demonstram esse caráter de busca por visibilidade.

No entanto, ainda não se pode falar em um movimento umbandista organizado, pois a dispersão como já dito é traço marcante na doutrina. Vale destacar também que os conflitos internos entre os adeptos do culto, no qual muitos donos de terreiros procuram não manter contato com outros da realidade local, seja por problemas entre os praticantes ou pelo desejo de manter aquele espaço isolado dos demais. Assim como outras problemáticas apontadas no corpo do texto.

O que se pode constatar que apesar do catolicismo historicamente ter se mantido hegemônico em Parnaíba, mesmo com a recente expansão das religiões de cunho protestante,

a ocupação de lugares considerados centrais na cidade por um “bando de macumbeiro” para prática de rituais antes restritos as suas casas de culto, mostra que começa haver uma rasura nesse quadro.

Mesmo que seja de forma tímida, tendo ainda seus praticantes um longo caminho na luta por reconhecimento e respeitabilidade do culto, já nota-se com a apropriação desses espaços um grande avanço rumo a esses propósitos. No qual as próprias pesquisas voltadas para esse campo de estudo, apesar de incipientes, como já aludidas. A partir de 2014 pôde-se percebido que começaram a surgir mais trabalhos voltados a essa temática, demonstrando que as questões relativas às religiões de matriz africana passaram a ser evidenciadas também na academia.

REFERENCIAS

Fontes:

Entrevistas:

Mãe Maria: Cedida em 29 de Fevereiro de 2016

Mãe Geralda: Cedida em 14 de Abril de 2016

Pai de Santo José de Ribamar de Ogum: Cedida em 10 de Maio de 2016

Pai Pequeno Caio: Cedida em 10 de Maio de 2016

Izadora Felizardo: Cedida em 30 de Março de 2016

Sites

Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí. Acesso em Março de 2016, disponível em: <http://novo.caupi.org.br/?p=4281>

Fundação Getúlio Vargas. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc1481.pdf>

G1 Acesso em Março em 2016, disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/08/oscar-de-oxala-e-encontrado-morto-e-com-sinais-de-perfuracao-em-teresina.html>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espirtas-sem-religiao>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220770&idtema=16&search=piaui|parnaiba|sintese-das-informacoes>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220770&idtema=16&search=piaui|parnaiba|sintese-das-informacoes>

Jornal do Senado. Acesso em 04 de agosto de 2016, disponível em: <http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>

Portal O Dia. Acesso em Novembro de 2015, disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/geral/religiao-piaui-possui-1500-terreiros-de-umbanda-e-candomble-45742.html>

Portal da Prefeitura de Parnaíba. Acesso em Março de 2016, disponível em: <http://www.parnaiba.pi.gov.br/>

Site do Planalto. Acesso em 05 de Agosto de 2016, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm

Site da TV Cidade Verde <http://cidadeverde.com/noticias/218603/garota-intoxicada-em-suposto-ritual-de-magia-negra-morre-e-corpo-e-submetido-a-autopsia>, acesso em agosto de 2016

Blogs:

Blog da Federação Umbandista do Brasil FEUBRA-PI. Acesso em 16 de Maio de 2016, disponível em: http://feubra-pi.blogspot.com.br/p/historia_9927.html

Blog da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. Acesso em Maio de 2016, disponível em: <http://renafrosaude.com.br/quem-somos>

Blog Registros de Umbanda. Acesso em Março de 2016, disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/>

Blog da Revista Revestrés. Acesso em Junho de 2016, disponível em: <http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/na-forca-do-rito/>

Documentos Oficiais:

BRASIL, Constituição (1988). In: Vade Mecum Penal. 6º ed. Recife: Editora Armador, 2015.

BRASIL, Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2006.

Jornais:

Jornal O DIA do ano de 1972

Bibliografia

ABREU, J. Capistrano. **Capítulos de história colonial.** Brasília: Conselho Editorial, 2013.

AZEVEDO, Janaina. **Tudo o que você precisa saber sobre UMBANDA.** São Paulo: Universo dos Livros Editora Ltda, 2008.

BRANCO, Renato Castelo. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editora Ltda, 1981

BERKENBROCK, Volney. **A Experiência dos Orixás:** um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. Petrópolis: Vozes, 1998.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda.** São Paulo: Brasiliense, 1985

- BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BROWN, Diana. **Uma história da umbanda no Rio**. Umbanda e Política, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- CASTRO, Yeda Pessoa. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda, uma religião brasileira**. São Paulo: USP, 1987.
- CORRAL, Jannaina Azevedo. **Sete Linhas da Umbanda**. São Paulo: Universo dos livros, 2010.
- EUGÊNIO, João Kennedy org. **Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos**. Teresina: EDUFPI, 2014
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Rio de Janeiro: Topoi, 2002.
- FIORUCCI, Rodolfo. **Considerações acerca da História do tempo presente**. Revista Espaço Acadêmico n°125, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na Idade clássica**. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- LIMA, Sabrina Verônica Gonçalves. **Ao som do tambor: o processo de institucionalização da Umbanda nas décadas de 1960/70 em Teresina**. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2013. Monografia.
- MARIANO, Ricardo. **Declínio católico: destradicionalização e diversificação religiosas**. Porto Alegre: Debates do NER, 2013
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- MORAES, Reginaldo Rodrigues de. **Protestantismo como missão: Um estudo sobre a constituição de uma nova expressão religiosa de Parnaíba**. Universidade Estadual do Piauí. Parnaíba, 2010. Monografia.
- MOREIRA, Safira Castro, PERINOTTO, André Riani Costa. **A Igreja de Nossa Senhora da Graça como produto turístico (Parnaíba – PI)**. Revista *Turismo estudos e práticas*. UERN, vol. 1, n.1, 2012.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada**. *Tempo social*. Revista de Sociologia. São Paulo; USP, n. 5, Vol. (1-2), 1993. p. 113-122

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo**. Brasília, 2008.

OLIVEIRA, José Mota de. **Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo**. 2007. 164fls. Trabalho de dissertação (Mestrado em História Comparada) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira.

São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras**. In: CAROSO, Bacelar e BACELAR, Jéferson (org.). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, Sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e o mercado religioso**. Revista de Estudos Avançados, n. 18 (Vol. 52), 2004. p. 222-238

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

PEREIRA, Almicar Araujo. **A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”**. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 17, 2º sem. 2011.

PORTELLI, Alessandro. **Un lavoro di relazione: osservazioni sulla storia orale. Ricerche storiche salesiane**, 36, XIX (gennaio-giugno 200).

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, fev, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Identidade cultural, identidade nacional do Brasil**. São Paulo: Tempo social- Rev de Sociologia da USP, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca virtual de Ciências Humanas, 2010.

SILVA, Francisca das Chagas Cardoso. **Festejando o orixá das folhas, ossaim: a influência da religiosidade afro-brasileira no terreiro São Benedito, comunidade Vazantinha – Parnaíba PI.** Monografia de História, Universidade Estadual do Piauí, UESPI, 2015.

SILVA, Haldaci Regina da. **Sabores da casa, Sabedorias de Terreiros:** práticas educativas e construção de saberes em um Terreiro de Umbanda de Teresina. Teresina: Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

SILVA, Marta da Penha Fonte e. **Parnaíba, minha terra: Crônicas.** Parnaíba: 1987.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda:** caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Umbanda brasileira: um século de história.** São Paulo: Ícone, 2009.

Fonte:<http://divulgandooevangelho.blogspot.com.br/2015/10/domingo-04-de-outubro-de-2015-as-00h02.html>

Fonte:<http://180graus.com/parnaiba/parnaiba-encerra-festejos-de-nossa-senhora-das-gracas-com-multidao>